



COMO SOBREVIVER AO FIM DO MUNDO:

O IMPACTO DA ARTÉ

NA VIDA EM ISOLAMENTO

LUÍSA GUAZZELLI SIRANGELO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**  
**Licenciatura em Artes Visuais**

**“COMO SOBREVIVER AO FIM DO MUNDO: O IMPACTO DA ARTE NA VIDA EM ISOLAMENTO”**

Luísa Guazzelli Sirangelo

Monografia de conclusão de curso apresentada  
como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciatura em  
Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Maus Junqueira

Banca examinadora:  
Profa. Dra. Adriane Hernandez  
Profa. Dra. Laura Castilhos

CIP - Catalogação na Publicação

Sirangelo, Luisa Guazzelli  
Como Sobreviver ao Fim do Mundo: O Impacto da Arte  
na Vida em Isolamento / Luisa Guazzelli Sirangelo. --  
2022.  
88 f.  
Orientadora: Lilian Maus.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,  
BR-RS, 2022.

1. Arte. 2. Pandemia. 3. Entretenimento. 4.  
Cultura. 5. Educação. I. Maus, Lilian, orient. II.  
Titulo.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Porto Alegre, 2022

## AGRADECIMENTOS

Não seria possível iniciar os agradecimentos desta pesquisa sem mencionar minha professora e orientadora Lilian Maus, que foi uma companheira essencial para além da escrita e desenvolvimento do trabalho, que trouxe razão e calma nos momentos em que a tensão tomou conta. Obrigada também ao grupo de orientandos, os meus “companheiros de batalha”, que passaram por esta jornada comigo. Um ensinamento que fica, após este ano de pesquisa, é que de nada serviria esse acompanhamento se não fosse pela didática, pelo apoio emocional e pelas relações humanas que criamos ao longo do tempo. Muitas vezes, mais do que indicações de livros e artigos, o que precisamos é ouvir um reconfortante e sincero “vai dar tudo certo”.

Também agradeço as professoras Adriane Hernandez e Laura Castilhos, não conseguindo colocar em palavras o quanto as aulas nos ateliês de desenho e pintura me fizeram falta nos últimos anos de Ensino Remoto. Além de terem contribuído muito na minha formação, vocês fizeram parte de alguns dos momentos mais marcantes para mim na minha trajetória no Instituto de Artes e impactaram muito positivamente a Luísa de 17 anos que pisava os pés na universidade pela primeira vez em 2017. Deixo ainda uma lembrança ao restante dos professores e professoras do Instituto de Artes e da FAGED, obrigada por me permitirem fechar este ciclo com uma visão otimista e esperançosa em relação à docência e a vida acadêmica.

Este trabalho, além de toda minha jornada pelas artes, não poderia ter acontecido ainda se não fosse o apoio incondicional da minha família, que sempre acreditou na importância e potência das artes no mundo. Aliás, não só tive a sorte de pertencer a uma família que enxerga o valor na cultura, mas também a uma família formada por professores e professoras que lutam e defendem a educação incondicionalmente. Em especial dedico esta pesquisa ao Martim, que embora ainda não possa ler este trabalho, foi uma das maiores alegrias nestes meses tão desafiadores e colaborou com participação especial em algumas destas produções.

E não podia concluir se não fazendo uma dedicatória a todos e todas artistas que, de alguma forma, tornaram os últimos anos mais suportáveis para nós através da arte. Dedico esta pesquisa, ainda, aos amantes da arte que não tiveram a oportunidade de chegar até aqui.

## RESUMO

Este trabalho pesquisa as implicações da presença das artes nos cotidianos pandêmicos impactados pelo covid-19 nos últimos anos, em especial para a realidade brasileira, que teve este período ainda mais prejudicado. A partir de leituras vinculadas aos campos educacionais, artísticos e filosóficos, assim como através de relatos pessoais, são traçadas aqui ligações entre o fazer e o consumo artístico e a melhor assimilação de momentos perturbadores como o que vivemos atualmente. Também é realizada uma coleta de dados utilizando o recurso de um formulário divulgado pelas redes sociais, de maneira a entrevistar parte do público em geral quanto a suas percepções e emoções recentes e sua relação com a experiência artística. Após a pesquisa e realização destas entrevistas é percebida, com mais clareza do que nunca, a necessidade da prática e do ensino da arte em meio a desafios pessoais e sociais como um todo.

**Palavras-chave:** Arte e Educação; Cultura; Entretenimento; Pandemia;

## **ABSTRACT**

This paper researches the arts presence and its implications during the pandemic life in the past years due to covid-19, with a focus on the brazilian experience, wich was even more affected by the vírus. With the resouce of educational, artistic and philosophical articles and texts, besides some personal statements, connections between the artistic process or consumption and a better absortion of the disturbing times we are living under now are being made. Additionally there is a data collection done via Google Forms that was shared in different social medias, with the goal of interviewing the public about their recent personal perceptions and emotions and their relation with the artistic experience. After these researches and interviews is clear, more than ever, the importance of art education and art practice during personal and social challenges as a whole.

**Key-Words:** Art Education; Culture; Entertainment; Pandemic;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa	01
Figura 2 – HQ de autoria própria	10
Figura 3 – Faixa Etária dos participantes da pesquisa, em percentual	14
Figura 4 – Grau de instrução dos participantes da pesquisa, em percentual	14
Figura 5 – Profissão dos participantes da pesquisa	15
Figura 6 – Capa capítulo 1.1	18
Figura 7 – Frequência da apreciação artística dos participantes da pesquisa	21
Figura 8 – Linguagens artísticas consumidas pelos participantes da pesquisa	21
Figura 9 – Objetivo da apreciação artística dos participantes durante a pandemia	22
Figura 10 – Efeito das apreciações no isolamento dos participantes da pesquisa	23
Figura 11 – Capa capítulo 1.2	25
Figura 12 – Encontro virtual do clube de cinema	27
Figura 13 – Capa capítulo 2.1	31
Figura 14 – Pinturas feitas na disciplina de pintura no IA em 2018	34
Figura 15 – Minha primeira pintura no curso de artes visuais, em 2017	35
Figura 16 – Produções mais recentes feitas na pandemia, em 2021	35
Figura 17 – Trabalho do artista Alex Flemming	36
Figura 18 – Bené durante a entrevista concedida para pesquisa	39
Figura 19 – Trabalho de Jon Michael Frank	40
Figura 20 – Trabalho de Laura Athayde	41
Figura 21 – Trabalho de Darren Butcher	42
Figura 22 – Trabalho de Cecília Ramos	43
Figura 23 – Trabalho de Monge Han	43
Figura 24 – Trabalho de Laura Fuke	44
Figura 25 – Fotografia de Victor Moriyama	44
Figura 26 – Trabalho de Cadu	46
Figura 27 – Livro London in Lockdown	47
Figura 28 – Livro É uma Emergência?	47
Figura 29 – Capa capítulo 2.2	49
Figura 30 – Diagrama de Venn sobre o “apocalipse”	51
Figura 31 – Práticas artísticas dos participantes da pesquisa	52

Figura 32 – Formas de expressão artística praticadas pelos participantes	53
Figura 33 – Práticas novas adquiridas pelos participantes da pesquisa	55
Figura 34 – Efeito das práticas artísticas para os participantes da pesquisa	55
Figura 35 – Tempo dedicado ao consumo e prática artística dos participantes	56
Figura 36 – Impacto da arte na saúde mental dos participantes da pesquisa	56
Figura 37 – Produção própria, 2022	62
Figura 38 – Produção própria, 2022	63
Figura 39 – Produção própria, 2022	64
Figura 40 – Produção própria, 2022	65
Figura 41 – Produção própria, 2022	66
Figura 42 – Produção própria, 2022	67
Figura 43 – Produção própria, 2022	68
Figura 44 – Produção própria, 2022	69
Figura 45 – Produção própria, 2022	70
Figura 46 – Produção própria, 2022	71
Figura 47 – Produção própria, 2022	72
Figura 48 – Produção própria, 2022	73
Figura 49 – Produção própria, 2022	74
Figura 50 – Produção própria, 2022	75
Figura 51 – Produção própria, 2022	76
Figura 52 – Produção própria, 2022	77
Figura 53 – Produção própria, 2022	78
Figura 54 – Produção própria, 2022	79
Figura 55 – Produção própria, 2022	80
Figura 56 – Produção própria, 2022	81
Figura 57 – Produção própria, 2022	82

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	09
<b>CAPÍTULO I - VI(VENDO) ARTE NA PANDEMIA</b>	17
1.1 PÃO E CIRCO: A IMPORTÂNCIA DO ENTRETENIMENTO	17
1.2 ARTE COMO RECURSO PEDAGÓGICO	25
<b>CAPÍTULO II – FAZENDO ARTE NA PANDEMIA</b>	30
2.1 A SOLIDÃO DA CASA-ATELIÊ	30
2.2 CATARSE (ou Como viver durante o fim do mundo)	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	57
<b>REFERÊNCIAS</b>	59
<b>APÊNDICE 1 – NOVELA GRÁFICA</b>	61
<b>APÊNDICE 2 – RELATOS DO FORMULÁRIO</b>	83



## INTRODUÇÃO

Apesar de enfrentarmos atualmente diferentes embates político-sociais e climáticos, os anos 20 do século XXI ficarão marcados na história por um fenômeno em especial: a pandemia causada pelo vírus covid-19. A alta disseminação da doença causou, só entre os anos de 2020 e 2022, mais de 5 milhões de mortes pelo mundo<sup>1</sup>, além de dezenas de milhões de hospitalizações e casos com sequelas físicas e mentais para a vida toda. Como se não bastasse, ela deixou também impactos em outros âmbitos, no modo como vivemos, como trabalhamos, como nos comunicamos e em nossa saúde mental como um todo. A presente pesquisa busca analisar os fenômenos causados pela pandemia em relação à arte, tal qual seu consumo, sua produção e seu diálogo com outros campos.

Pensando no contexto brasileiro, o país se viu especialmente vulnerável e desamparado neste momento, enfrentando de modo concomitante o vírus e o atual governo, que negligenciou as demandas advindas da crise sanitária no Brasil. Com taxas de desemprego e miséria do país aumentando todos os dias, a pandemia nada mais foi que um facilitador para que as desigualdades sociais do país ficassem ainda mais claras. Contrário ao que muitos disseram logo no começo da divulgação de notícias sobre o vírus, os grupos marginalizados e mais desfavorecidos viram-se mais expostos à doença. Grande parte da classe trabalhadora teve de recorrer a trabalhos informais e precários, sem a possibilidade de isolamento e de segurança sanitária.

Ainda para além das questões sociais já presentes no Brasil pré-pandêmico, novas dificuldades surgiram nos nossos cotidianos nestes anos: a situação de calamidade, a falta de apoio emocional através do contato físico-presencial, a incerteza sobre o futuro, entre as muitas novas emoções emergentes da falta de normalidade. Assim, para muitos, a arte e o entretenimento tem sido uma tentativa para almejar o conforto e a manutenção de saúde mental durante o isolamento social e a pandemia. Nesse processo, alguns perceberam o aumento do consumo compulsivo de uma série de tv e outros descobriram um novo hobby artístico.

Inicia-se então o questionamento: Como teria sido passar por esses meses de isolamento sem o acesso a livros, filmes e à música? Como seria ter de lidar com as dificuldades dos últimos anos sem o apoio da arte e da cultura? Pensando de um

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://ourworldindata.org/explorers/coronavirus-data-explorer>

ponto de vista pessoal, com certeza eu teria sido levada à loucura na primeira semana. Neste momento, mais do que nunca, é visível o impacto positivo da existência e resistência das artes no nosso dia a dia e, conseqüentemente, no papel fundamental do artista na sociedade.

Depois que a pandemia acabar com certeza haverá [sic] discussões sobre a posição social de médicos, bombeiros, e outros trabalhadores que trabalham duro para ajudar nossa sobrevivência. Entretanto, como um *meme* viral disse, tente ficar em casa isolado por um mês sem filmes, livros, música... Sem as artes, muitas pessoas iriam levar o isolamento com mais dificuldade – seriam mais depressivos, e teriam uma maior vontade de sair de suas casas. A longo prazo, as artes são tão importantes para a sobrevivência humana quanto a medicina e os bombeiros. (MCLAREN et al., 2020 p. 13).

Essas discussões transpassaram outros temas e produções durante os últimos semestres de curso, e para a disciplina de Mídia e Tecnologias em Espaços Escolares, criei a seguinte história em quadrinhos sobre a temática, baseada em uma cena do filme “Sociedade dos Poetas Mortos(1989)”:

Figura 2 – HQ de autoria própria



SIRANGELO, Luísa. [Sem título]. 2020. Desenho digital.

Pensando ainda no abalo no campo da educação durante o isolamento, a arte é uma área até certo ponto “privilegiada” por dialogar e existir em diferentes meios e linguagens, havendo uma possibilidade de ser explorada mesmo a distância. A liberdade da criação nos permite experimentar com diferentes mídias como as redes sociais e a Internet. Em aulas *online* é possível se trabalhar com recursos midiáticos como filmes, *podcasts*, vídeos e outras alternativas criativas de aprendizagem. Na minha experiência pessoal, como aluna de uma universidade pública, durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE), vi em praticamente todas as disciplinas cursadas o uso, em algum momento, de recursos artísticos digitais para a exploração de algum conteúdo.

Outro questionamento atual presente para os artistas em formação é sobre a forma com que divulgamos nosso trabalho, quem terá acesso ao que estamos botando no mundo? Para onde queremos chegar com isto? As redes sociais e a tecnologia moderna possibilitaram ao artista optar por uma liberdade e autonomia criativa sobre tudo o que escolhemos divulgar e apresentar a público, podendo ser este um controle maior do artista sobre sua obra. Por outro lado, esse ambiente virtual também nos torna refém de algoritmos e termos de uso fora do nosso controle, conheço, por exemplo, artistas que tiveram seu trabalho censurado em redes sociais por “conteúdo explícito”, como uma espécie de fenômeno Queer Museum 2.0, só que dessa vez em ambiente virtual.

Esta pesquisa tem portanto o objetivo de investigar os impactos causados pela arte na vida pandêmica com foco nos seguintes eixos: o consumo de arte durante a pandemia e a produção de arte, a minha própria e a dos entrevistados, durante a pandemia. É importante que em meio a tantas pesquisas (de suma importância) quantitativas e de cunho científico sobre a pandemia do coronavírus, se pesquise e investigue também as mudanças psicológicas e sociológicas de um ponto de vista das ciências humanas e das artes sobre os fenômenos presentes nesse contexto.

Em relação ao primeiro eixo, o objetivo é o levantamento e coleta de relatos de experiências sobre o consumo de arte durante o período de isolamento social na pandemia, assim como listar quais plataformas digitais e investigar que linguagens artísticas mais foram consumidas e o porquê. Final, que artistas e quais obras foram descobertas e exploradas por indivíduos em isolamento social por meses? O que pôde ser percebido e o que levantou questões a se pensar a partir dessas obras?

Que emoções surgiram a partir do contato dos indivíduos com as artes? É importante sublinhar que faço essas questões não somente aos entrevistados, mas a mim mesma durante a pesquisa, que partiu de indagações pessoais que identificava também em meu círculo de amizades e colegas. Ou seja, é uma pesquisa que não tem como metodologia uma abordagem neutra e abrangente do sistema da arte, mas sim, do meu círculo de afetos e da propagação destes em suas redes pessoais nas quais o questionário foi também divulgado.

Sobre a produção artística, pensando na vivência de artistas, pode-se revelar o avesso do processo que resulta em obras. Como foi produzir e explorar o lado criativo da mente enquanto tudo isso acontecia? Quais foram as motivações para continuar criando e que mudanças foram percebidas em sua arte e processo criativo até o momento dessa experiência (considerando que ainda vivemos uma pandemia)? Há também as possíveis repercussões negativas da quarentena no processo de criação, a pressão de produzir incessantemente, a ansiedade e a falta de motivação para criar, além da perda de elementos críticos para a criação como os ateliês coletivos e as exposições presenciais.

E ainda, analisando o panorama da educação, houve mudanças drásticas nos ambientes escolares por conta da pandemia, tanto da parte dos docentes como dos discentes, tendo de se adaptar quase que imediatamente a novas formas de aprender, ensinar e trocar ideias e experiências. Diante de uma grande flexibilização e adaptação de aulas, como forma de “contenção de danos”, um recurso explorado nas aulas a distância foi a linguagem artística digital como facilitador da aprendizagem. Assim é importante dialogar com alunos e professores sobre o papel tomado pelas artes no ensino a distância nos últimos meses.

Com os cinemas, teatros e museus fechados outros modos de nos relacionar com as artes são propostos, a questão é: estamos preparados para uma imersão, uma experiência artística online? Nos parece fundamental o oferecimento de “lives” por artistas das diferentes áreas (artes visuais, dança, música, teatro), mas quem realiza a mediação entre arte e público, nesse contexto? Outros modos de contato e experiência com as artes, nos parecem estar sendo esboçadas, o que nos leva a pensar que, como professores e mediadores também precisamos nos reinventar, entrar em sintonia com novas maneiras de ler, usufruir e compreender as potencialidades, políticas, éticas e estéticas, das artes, sua produção e reinvenção neste mundo que também se encontra em estado de “reinvenção”. (BARBOSA et al., 2020 p. 23)

Impossível não pensar nestas discussões também com um olhar bem pessoal, já que como artista, consumidora de arte, estudante e licencianda, todos esses sentimentos e questionamentos foram muito experienciados por mim no último ano. Com certeza tenho muito o que refletir sobre minhas transformações no meu processo criativo, as limitações trazidas pelo distanciamento social e minhas indagações em relação ao estudo da arte a distância.

O **primeiro capítulo** deste trabalho trata de uma análise da relação do público com a arte neste momento no tempo. Primeiramente, será analisada a importância do lazer e do espetáculo artístico, incluindo dados coletados a partir de um questionário divulgado nas redes sociais. Também será discutida neste capítulo a presença da arte no campo pedagógico, com o enfoque no ensino remoto e em outras experiências que cruzam a arte com a educação.

Já o **segundo capítulo** do trabalho abordará o tema da perspectiva do artista, assim como as singularidades do fazer artístico atualmente. Além de dados coletados pelo questionário também serão abordados relatos pessoais e um paralelo entre meu percurso acadêmico prévio e meus trabalhos mais recentes.

Um dos recursos utilizados para a interpretação das leituras realizadas ao longo do trabalho foi a criação de uma novela gráfica, que também ilustra parte dos dados coletados na pesquisa e o que percebemos a partir deles. Esta produção foi desenvolvida de forma híbrida mesclando a arte digital e pintura a óleo.

## Coleta de Dados

Um dos recursos utilizado para esta pesquisa inicialmente foi a criação de um formulário no Google Forms com perguntas de opções alternativas e dissertativas sobre o consumo e a produção de arte durante a pandemia. A pesquisa foi divulgada nas minhas redes sociais e o questionário foi respondido por 216 participantes, durante o período de 14 de julho até 14 de agosto de 2021. Em relação à faixa etária e grau de instrução dos participantes, visualizamos a **Figura 2** e **Figura 3**.<sup>2</sup> A maioria

---

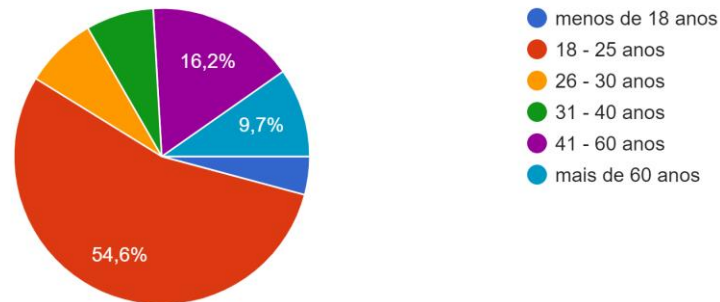
<sup>2</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

dos participantes pertence a faixa entre 18 e 25 anos e possui pelo menos o Ensino Médio completo.

Figura 3 – Faixa Etária dos participantes da pesquisa, em percentual

Qual a sua faixa etária?

216 respostas

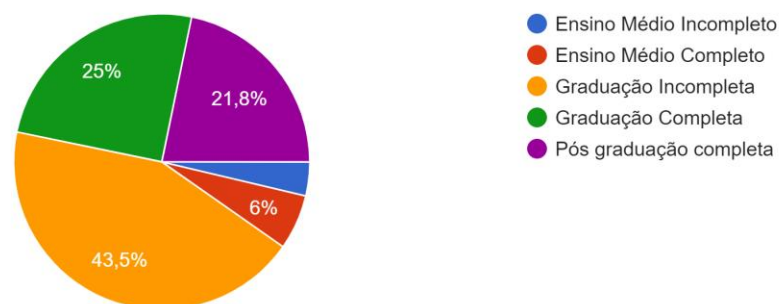


Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 4 – Grau de instrução dos participantes da pesquisa, em percentual<sup>3</sup>

Qual seu nível de escolaridade?

216 respostas



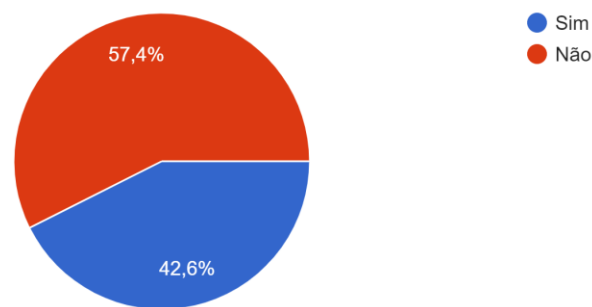
Fonte: Elaborada pela autora.

<sup>3</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

Outro dado retirado do formulário foi a relação dos participantes envolvidos com a arte e a cultura, sendo concluído que dos 216 participantes, 92 trabalham ou estudam com algo relacionado à arte. Dentre as profissões citadas por eles há designers, pintores, tatuadores, músicos, dançarinos, profissionais do audiovisual, escritores, atores, animadores, ceramistas, arquitetos e artesãos.

Figura 5 - Profissão dos participantes da pesquisa

Você possui alguma formação ou profissão relacionada com o campo da arte? Ex: designer, músico, escritor, etc  
216 respostas



Fonte: Elaborada pela autora.

Para a elaboração do questionário, desde a formulação das perguntas até a escolha de palavras específicas, foi realizado um mapeamento informal prévio com parte do público que viria a participar da pesquisa, em sua maioria pelas redes sociais.

A escolha do termo “consumo de arte” foi um dos destaques entre estas subjetividades por trás da criação do questionário. Percebi que, especialmente entre aqueles que não se auto denominam frequentadores assíduos de museus e apreciadores das artes, a relação da arte com o ato de consumir facilita a identificação com as obras e expande seu conceito do que seria a arte em questão. Muitos dos participantes da pesquisa se encontravam mais dispostos, e de certa forma “preparados”, para responder as perguntas quando se validam as que poderiam ser consideradas obras “de massa” e a cultura popular como fundamentalmente arte. Muitos citam em suas respostas trabalhos de diferentes mídias como *blockbusters* do cinema, ilustração, quadrinhos e linguagens chamadas de “artesanato” como suas

principais referências artísticas. Desta forma, não seria possível levantar dados tão facilmente (e precisamente) sem antes tentar explicitar da melhor forma possível o guarda-chuva que é a arte e seus muitos nuances contemplados na cultura contemporânea.

De forma similar, também se fez necessária a inclusão de uma descrição que posicionasse a importância igualmente proporcional do que seria considerada a arte e o artesanato. Embora espaços mais conservadores do mercado artístico e acadêmico procurem distância entre os dois conceitos, as práticas consideradas artesanais ainda são ponto de contato de muitos grupos com a arte. Seja por preconceito de classe ou de gênero, o estigma com o fazer manual como o tricô, o crochê, o bordado e afins é outro fator que poderia distanciar um público em potencial de participar da pesquisa.

Outro detalhe instigador de dúvidas para alguns participantes foi o uso do conceito “cinema”, que por sua vez fazia referência a qualquer forma de apreciação de filmes e outras obras de audiovisual, independente do contexto das salas de cinema. Este e outros nuances foram interessantes de serem observados durante o desenvolvimento da pesquisa, já que o público, em sua maioria, não deixou de participar de rituais cinematográficos durante estes anos de distanciamento das salas de cinema. Os espetáculos de teatro e cinema foram substituídos por exibições em *streamings* enquanto as aberturas de exposições e shows de música abriram espaço para as postagens e *lives* nas redes sociais.

Feitos estes avisos e contextualizações, foram convidados a participar todos aqueles que tivessem interesse, no entanto, estes deveriam ter seguido uma regra em comum: o participante deveria ter seguido, pelo menos em parte, as medidas de isolamento social em algum momento durante a pandemia. Aqueles que estavam se deslocando por motivos de trabalho ou começavam a flexibilizar seu isolamento ainda estavam convidados a colaborar. Fossem aqueles que estivessem em total reclusão ou simplesmente aqueles que tiveram algumas comodidades sociais confiscadas, enquanto os deveres e ofícios conservados, todos eles acabaram sendo impactados, em diferentes graus, pela perda de (ao menos) uma parte da nossa normalidade prévia.



## **CAPÍTULO I - VI(VENDO) ARTE NA PANDEMIA**

### **1.1 PÃO E CIRCO: A IMPORTÂNCIA DO ENTRETENIMENTO**

# PÃO E CIRCO

A IMPORTÂNCIA DO  
ENTRETENIMENTO



A expressão popular “Pão e Circo”, ou “Panem et circenses”,<sup>4</sup> se origina por conta da política do Império Romano que, como possível estratégia de controle, conquista a população através da distribuição de trigo e dos espetáculos. A nossa cultura popular disseminou, através das décadas, a teoria de que, desde que se distraia o povo, não haverá revolução contra os imperadores, uma vez que a população estaria feliz. Em nosso atual contexto brasileiro, o sentido da expressão ganha novos sentidos. Em um momento em que a administração da nação não dá conta de atender as demandas geradas pela pandemia, o que a população pode querer mais se não o cumprimento pleno de suas necessidades básicas (o pão, a moradia, a saúde e a educação) e um pouco de espetáculo (a arte, a cultura, o esporte e os espaços de convivência)?

Já nos anos 60, em um contexto francês bastante diverso do Brasil de hoje, A Sociedade do Espetáculo, o teórico Guy Debord analisa aspectos da relação entre a sociedade de consumo e o espetáculo a partir do contexto capitalista. O autor explica que, enquanto a população estadunidense da época luta por uma economia de tempo do trabalho, criando carros e refeições mais rápidas, cada vez mais horas de ócio do trabalhador são gastas em frente à televisão. É interessante observar ainda que as “entre três e seis horas”, citadas por Debord em 1967, nada se comparam ao tempo que dedicamos aos lazeres espetaculares do nosso dia a dia quase seis décadas depois. Se antes a vida real competia pela atenção humana com a rádio e a televisão, hoje surgem nesse combate os milhares de aplicativos, redes sociais, jogos e mídias digitais disponíveis no mercado.

O espetáculo é a outra face do dinheiro: o equivalente geral abstrato de todas as mercadorias. Mas se o dinheiro dominou a sociedade enquanto representação da equivalência central, isto é, do caráter permutável dos bens múltiplos cujo uso permanecia incomparável, o espetáculo é o seu complemento moderno desenvolvido, onde a totalidade do mundo mercantil aparece em bloco como uma equivalência geral ao que o conjunto da sociedade pode ser e fazer. O espetáculo é o dinheiro que se *olha somente*, pois nele é já a totalidade do uso que se trocou com a totalidade da representação abstrata. O espetáculo não é somente o servidor do *pseudo-uso*, é já, em si-próprio, o pseudo-uso da vida. (DEBORD, Guy, 1967, p. 36)

---

<sup>4</sup> FAVERSANI, Fabio. *Panem et Circenses*: breve análise de uma perspectiva de incompreensão da pobreza no mundo romano, *Varia Historia*, nº 22, 2000.p.86

Após dois anos vivendo no estado em que nos encontramos, fica visível a exaustão emocional presente no nosso dia a dia. Estamos mais deprimidos, mais ansiosos, com menos capacidade de foco e com as desigualdades do país mais exacerbadas do que nunca. Se isso já não pudesse ser percebido a partir das minhas próprias trocas e experiências pessoais, fez-se ainda mais claro quando comecei uma pesquisa na FACED com foco nos impactos na nossa saúde mental durante a pandemia. Seria este um problema que aflige a maioria dos jovens da minha geração? A partir da escrita deste artigo, junto com professoras da universidade, coletamos dados de centenas de pessoas que relataram um pouco dos desafios mentais vivenciados nos últimos tempos.

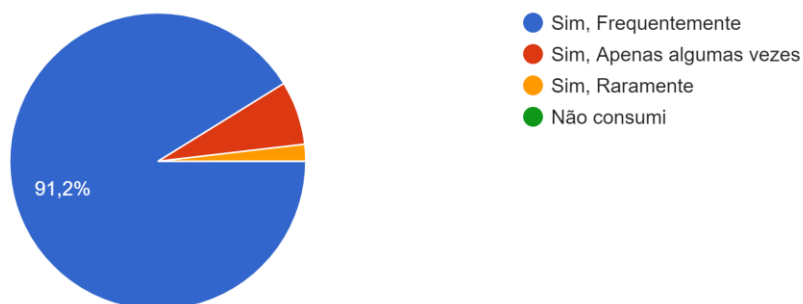
É nesse cenário que eu proponho, a partir do formulário divulgado nas redes sociais, elaborar um panorama das vivências de artistas e admiradores de arte no isolamento. O que aparenta ser um denominador comum entre as respostas dos participantes da pesquisa? A sensação de escapismo e relaxamentos provenientes do contato com linguagens artísticas, sendo elas livros, filmes, música ou artes plásticas.

A partir da coleta de dados foi percebida a presença da arte no dia a dia dos participantes, assim como as diferentes linguagens mais exploradas por eles neste período. 91,2% relata que consumiu e apreciou obras artísticas durante a pandemia frequentemente e, como mostra a **Figura 8**, a linguagem artística mais popular entre os participantes foi a música, seguida pelo audiovisual.

Figura 7 – Frequência da apreciação artística dos participantes da pesquisa<sup>5</sup>

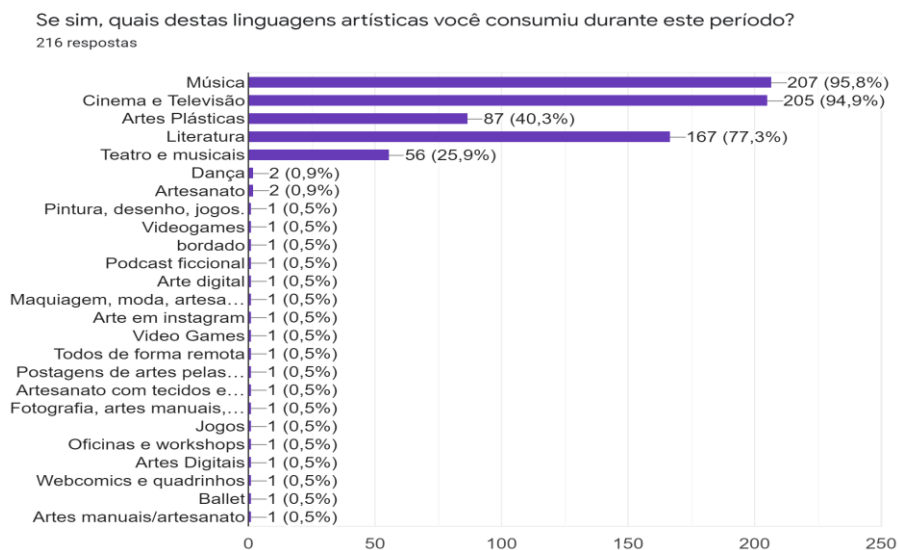
Você CONSUMIU e APRECIOU diferentes obras artísticas durante a pandemia/ quarentena? Com que frequência? Ex: filmes, músicas, livros, artes plásticas, etc

216 respostas



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 8 – Linguagens artísticas consumidas pelos participantes da pesquisa



6

Fonte: Elaborada pela autora.

<sup>5</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

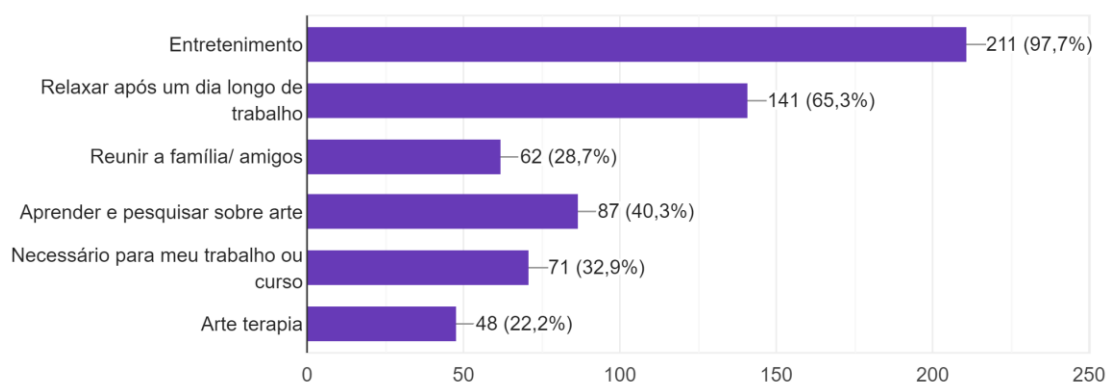
<sup>6</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

Embora muitos participantes tenham afirmado ter como objetivo ao consumir obras artísticas durante a pandemia o estudo da arte ou a reunião com amigos e família, a maioria ainda afirma esse consumo com o intuito principal de entretenimento e relaxamento. Também foi relatado por 91,6% (197 participantes) que a apreciação artística amenizou as dificuldades do período de isolamento para eles.

Figura 9 - Objetivo da apreciação artística dos participantes durante a pandemia

Ao fazer a apreciação de diferentes obras artísticas neste período, qual era seu objetivo principal?  
(pode marcar mais de uma opção)

216 respostas



7

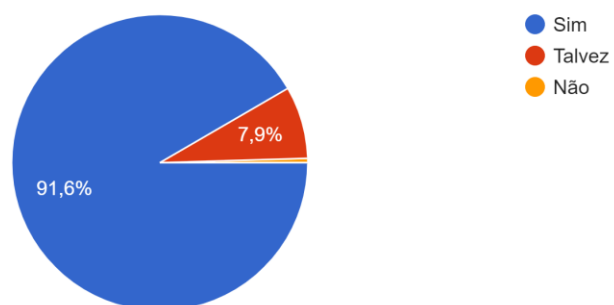
Fonte: Elaborada pela autora.

<sup>7</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

Figura 10 – Efeito das apreciações no isolamento dos participantes da pesquisa

Você acredita que estas apreciações artísticas amenizaram as dificuldades do período em isolamento para você?

215 respostas



Fonte: Elaborada pela autora.

## 1.2 ARTE COMO RECURSO PEDAGÓGICO





ARTE  
COMO  
RECURSO  
PEDAGÓGICO

Com o acesso ao campo educativo de museus e centros culturais muito limitado durante o período de isolamento, instituições de ensino e cultura foram exigidos que se desdobrassem com alternativas virtuais criativas e lúdicas o suficiente para manter a atenção de seus públicos. Essas novas propostas, no entanto, acabam por alcançar públicos diferentes e ainda mais restritos, dependendo de acesso à internet e recursos tecnológicos e ainda outro elemento, talvez ainda mais inacessível, o tempo.

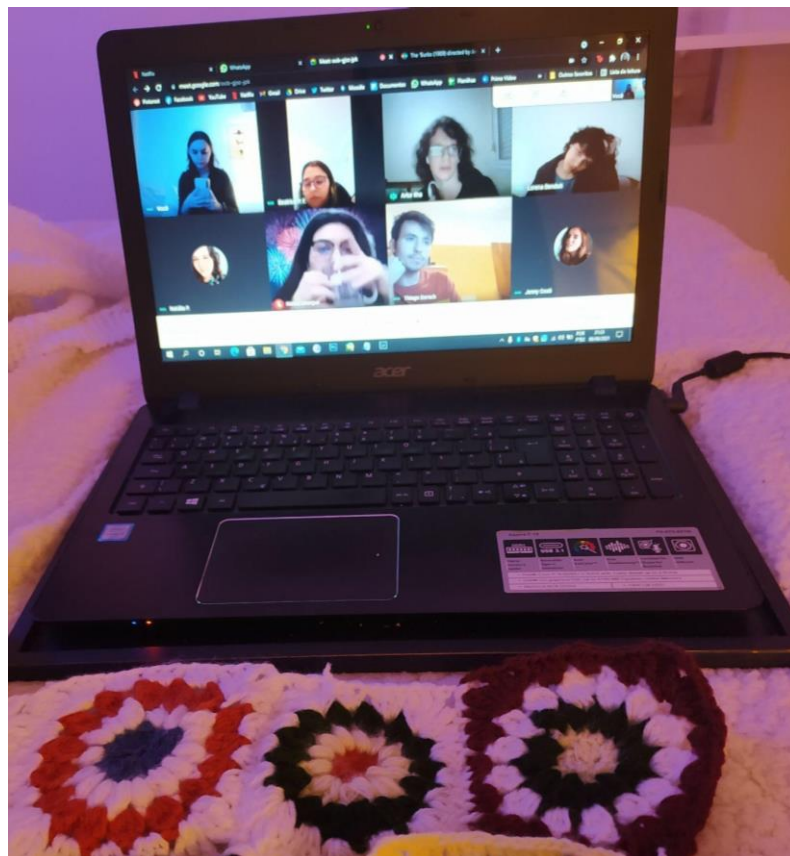
Apesar da potencial ampliação de acesso proporcionada pela Internet, excluem-se públicos que não se encontram nessa situação de conectividade ideal, como idosos sem familiaridade com smartphones e Instagram ou jovens de periferia com pacotes de dados limitados, que também poderiam se beneficiar de ofertas culturais em tempos tão desafiadores. Ser parte de um público significa ser alguém solicitado por determinado tipo de objeto ou discurso, habitar um tipo de mundo social, ser motivado por determinados interesses e dispor de certos meios. Em meio à sobrevida digital encontrada pelo campo artístico durante a pandemia de Covid-19, onde foi parar, por exemplo, um dos públicos mais tradicionais de museus, os grupos de escolas públicas anunciados orgulhosamente em relatórios de responsabilidade social para justificar investimentos públicos e legitimar o papel dessas instituições nas dinâmicas sociais? (SCHENKEL., 2020, p. 3).

Desta forma, a atenção do público acaba se voltando para a oferta de lives de música, filmes, *podcasts* e *e-books* gratuitos e conteúdos oferecidos pelos múltiplos serviços de *streaming* recentes. Estas obras acessadas virtualmente assumem o papel, portanto, dos novos agentes facilitadores para o consumo e debate de temáticas relevantes da contemporaneidade e, dentro do contexto escolar e acadêmico, para a assimilação de tópicos discutidos em aula. Em um contexto em que estamos todos em situação de exaustão com relação a reuniões virtuais e contato com telas digitais, porém, o uso da criatividade vem bem a calhar. A utilização de diferentes mídias para exploração de um tema foi algo constante em disciplinas vividas por mim neste período. Além disso, na minha experiência como monitora de uma disciplina na faculdade de educação, algo presente em praticamente todos nossos encontros síncronos foi a discussão de materiais do cinema, da televisão e da literatura que dialogavam com os debates das aulas.

Desde as primeiras semanas de quarentena no primeiro ano pandêmico, um dos mecanismos mais utilizados no combate à solidão e ao tédio foi a criação de grupos como clubes do livro, encontros virtuais para assistir filmes e outros meios de compartilhamentos de ideias e conteúdos digitalmente. Assim, a partir de abril de

2020, eu e um grupo de amigos tivemos a experiência de construir um cineclube virtual. Nosso objetivo inicial foi assistir semanalmente uma obra cinematográfica curada por um de nós através de um revezamento e seguido por uma reunião, geralmente nos domingos à noite via Zoom ou Google Meet, em que debatíamos o filme da semana. O grupo, formado por estudantes de artes visuais, design, jornalismo e audiovisual, até o momento chegou a marca de 35 encontros espaçados pelo último ano e meio, embora recentemente não tenhamos feito encontros tão frequentes. Esta experiência, além de nos proporcionar o contato com trabalhos do cinema que possivelmente não chegariam até nós tão facilmente, visto que cada integrante do grupo possui um gosto muito particular, foi de extrema importância para que mantivéssemos um vínculo com pelo menos alguns de nossos pares com certa frequência. As discussões por videochamada, como visto na foto abaixo, vinham muitas vezes acompanhadas de outras práticas artísticas como o desenho, o tricô e o crochê.

Figura 12 – Encontro virtual do clube de cinema



Fonte: arquivo pessoal (2021)

Outra questão inevitavelmente presente nas nossas discussões sobre cinema, que se cruza com experiências presentes em disciplinas da faculdade no período de ensino emergencial remoto, é a inclusão de temas contemporâneos que dialogam com nosso contexto dentro das obras. A partir de trabalhos artísticos que discutem temas como saúde pública, movimentos sociais, desigualdade social e sócio-política é possível que se abra um diálogo com nossos amigos, colegas, familiares e demais acerca de temas intrinsecamente presentes na contemporaneidade. Em um momento tão particular na história da humanidade, e tão delicado para todos, alcançar um público que muitas vezes não é atingido (ou não se deixa atingir, seja por ignorância ou tentativa de proteção e alienação) pelas mídias e meios tradicionais de comunicação é sem dúvidas algo muito positivo.

O crescimento da oferta e demanda de cursos *online* também foi uma das características dos primeiros meses da vida com o vírus.<sup>8</sup> Apesar das muitas dificuldades percebidas na educação remota com o recorte para o Brasil do governo atual, como a falta de acesso e recursos, a educação dentro e fora das escolas precisou se adaptar ao mundo virtual. Para aqueles com condições de se dedicar a cursos de extensão, oficinas, palestras e outras dinâmicas de aprendizagem *online*, o primeiro semestre de 2020 provavelmente incluiu alguma dessas experiências. Diversos sites e plataformas também disponibilizaram, por um tempo limitado, acesso gratuito a alguns cursos antes pagos que envolvem diferentes linguagens artísticas, como a edição de fotografias, o design gráfico ou a pintura. Eu mesma me dediquei em alguns momentos durante a pandemia para o aprendizado de algumas habilidades específicas novas através de cursos digitais. Logo em março ou abril de 2020 aprendi através de um curso os recursos básicos do Illustrator e mais recentemente participei de um curso curto de animação. Embora muito se perca na falta do contato físico durante feiras, oficinas, seminários e outros encontros, o compartilhamento de práticas criativas com um grupo com um trabalho em comum é sempre um ganho em nossas trajetórias artísticas e acadêmicas.

Recentemente, às vésperas da finalização desta pesquisa, iniciei ainda uma nova experiência com arte-educação: o estágio obrigatório no ensino médio. Entre março e maio de 2022 coloquei, pela primeira vez, os pés em uma escola como

---

<sup>8</sup> Pesquisa aponta aumento significativo na procura por cursos online durante a pandemia, 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/pesquisa-aponta-aumento-significativo-na-procura-por-cursos-online-na-pandemia,f94bb17fb8863f51bcb8cafee2ab892cdas2a1ue.html>>

docente, após ter tido experiências com estágios remotos durante a pandemia. Além do desafio de lecionar presencialmente após dois anos de isolamento, outra provocação precisava ser enfrentada: elaborar aulas para adolescentes de 16 à 19 anos, tendo eu mesma não muito mais do que isto. Mesmo sem ter finalizado o estágio no momento desta escrita, já posso dizer que fui surpreendida positivamente com as aulas até agora e, inesperadamente, acredito que vou sair da licenciatura com muito mais desejo de atuar em sala de aula do que quando adentrei o curso em 2017.

E, como grande parte dos alunos que passam pelos desafios do estágio e TCC simultaneamente, decidi aproveitar meu tema de pesquisa na escrita do meu projeto de ensino com os adolescentes. Conversei com os alunos sobre as experiências deles com a apreciação e a prática artística durante a pandemia e tive respostas não muito diferentes das que recebi no meu formulário. As linguagens artísticas visitadas por eles nos últimos anos variaram tanto, se é que não mais, quanto a dos participantes da minha pesquisa. Algumas linguagens citadas por eles que ainda não tinham aparecido nas respostas do formulário foram a arte de trançar cabelo, os esportes *freestyle* e a capoeira. Foi interessante sondar um pouco do que os adolescentes desta geração estão consumindo e produzindo, principalmente considerando que estes ficaram sem a presença física da escola em dois dos anos mais formativos para nossas personalidades, crenças e gostos. *“É como se estas produções artísticas tivessem me trazido a liberdade que na pandemia eu não tive”*, foi um dos relatos dos adolescentes durante o projeto.

A impressão que ficou para mim, ao menos nas turmas em que eu lecionei, foi que os adolescentes da geração Z, independente do contexto em que estão inseridos (classe, raça, gênero, etc), são profundamente e involuntariamente afetados pelas artes no seu dia a dia, fazendo contato com a música, a dança, o audiovisual e a cultura visual constantemente. Além disso, já em minha segunda aula prática do estágio, tive, para minha felicidade, alunos vindo me mostrar seus desenhos feitos durante a pandemia ou querendo saber mais sobre a universidade e o curso de artes.

## **CAPÍTULO II – FAZENDO ARTE NA PANDEMIA**

### **2.1 A SOLIDÃO DA CASA-ATELIÊ**

# A SOLIDÃO DA CASA-ATELIÊ



Uma das maiores perdas para mim em relação aos hábitos do dia a dia que antecederam 2020 com certeza foi o ateliê coletivo do Instituto de Artes. As conversas com os colegas enquanto pintávamos, os intervalos para tomar um café e comprar um doce, os ensinamentos dos colegas mais velhos e “vividos”, a pausa da produção para ir bisbilhotar o que os outros estavam produzindo. Todos estes pequenos momentos, ou que pelo menos na época pareciam tão pequenos, hoje deixam um vazio imenso no meu dia. Mesmo possuindo um amor e afeto pelo desenho, pela pintura e pela fotografia, acordar e montar meu espaço de pintura sozinha, criar no silêncio do meu quarto e lavar meus pincéis sozinha nunca terá a mesma graça que compartilhar estes momentos com outros.

Na vida pré-pandêmica, a impressão que fica hoje, é que diversos aprendizados e experimentações foram interrompidos e, infelizmente, sem uma previsão de retorno, pelo menos não de uma forma familiar para mim. Nos meus primeiros três anos no curso de artes visuais, e únicos anos de ensino presencial, não completei nenhum semestre sem a presença de alguma disciplina de ateliê. Todos os meses em que pisei no Instituto de Artes foram acompanhados da produção artística, independente dos momentos de bloqueio criativo ou outras distrações, já que minhas aulas sempre envolviam as práticas. Graças a essas múltiplas experiências foi possível notar uma evolução em diferentes conhecimentos como o desenho e a pintura e até mesmo em relação ao autoconhecimento. Através de experimentações com recursos e linguagens novas pra mim, como a cerâmica, a escultura, a fotografia, a gravura e a arte digital, foi possível compreender os caminhos que eu pretendia seguir e ainda quais eu definitivamente não seguiria.

No momento da escrita deste trabalho de conclusão não tenho previsão de retornar aos ateliês do Instituto de Artes presencialmente para aulas práticas, embora provavelmente poderei ter minhas últimas experiências com exposição de trabalhos presencialmente neste final de semestre. Com apenas a última disciplina de estágio de forma presencial, a impressão é de que o curso passou voando pelos meus olhos, com dois anos inteiros de experiências e aprendizados presos somente dentro do meu quarto. Aberturas de exposições, semanas acadêmicas, oficinas, apresentações de trabalhos em grupo, intervalos de aulas no café em frente ao Instituto, foram algumas das perdas desses anos. Em relação a minha produção também é possível



perceber diferentes perdas e adaptações “forçadas” pelas circunstâncias desfavorecidas da nossa realidade atual.

Um dos meus desafios nas disciplinas de ateliê era lutar contra as pequenas dimensões e para isso era preciso, é claro, lutar contra um certo desconforto físico e emocional. Um dos incentivos para a minha dedicação às superfícies maiores no desenho e na pintura eram os ateliês, a prática coletiva, o espaço disponível na universidade. Os cavaletes, as grandes mesas, a luz adequada, as pias para limpeza dos materiais são alguns dos recursos que faltam em casa para completar o “ritual” de criação artística. Já hoje, não posso nem sequer culpar minha falta de motivação pela falta de produção em dimensões maiores, já que fico restrita ao pequeno espaço de um quarto - já amontado de pinturas, desenhos e materiais - quando vou produzir. Além das limitações físicas, outro elemento que dificulta o exercício mental de motivação para criar é o tempo. A delimitação de tempo específica para dedicação à criação era algo fundamental para minha rotina, especialmente quando nos vemos com um acúmulo na nossa lista de afazeres da semana. “*Esta semana tenho a aula de segunda e de quarta-feira para terminar minha pintura*” é um sentimento que, tão cedo, não vou sentir. Até certo ponto, no isolamento, a possibilidade de se criar a qualquer momento do dia pode causar um senso de liberdade, mas até que ponto essa liberdade também não nos prende? A falta de um momento para compartilhar as nossas criações com professores e colegas, ou o respiro de observar as produções dos nossos amigos antes de retornar às nossas, prejudicam minha organização e motivação de criar, sem dúvidas.

Outra questão emocional que pude perceber na minha relação com a arte nos últimos tempos foi um declínio nas minhas habilidades de compartilhamento do que eu faço - algo que também percebi em alguns colegas. Este fenômeno de “atrofiamento” de habilidades sociais e inteligências emocionais durante a pandemia está presente em diferentes âmbitos humanos, inclusive na relação com a arte e as redes sociais. O que eu senti durante esses meses foi uma dificuldade muito grande de compartilhar pinturas, desenhos, fotografias e outras experimentações artísticas nas redes sociais em comparação com uma maior facilidade percebida anteriormente. Acredito que a falta dos colegas nos ateliês coletivos incentivando uns aos outros é um grande fator, já que agora quando termino um trabalho artístico não tenho ninguém ao meu lado para observar e opinar junto a mim. Também é um fator a

sensação de distanciamento dos nossos amigos e conhecidos artistas, alguns nem possuem redes, não verão o que eu posto ali. Além disso, as redes sociais podem causar um estranho sentimento de “perfeccionismo” quando consumimos e observamos tantos artistas com um talento fenomenal e milhares de seguidores e acabamos adquirindo uma “baixa autoestima artística” graças a essa comparação ininterrupta.

Figura 14 – Pinturas feitas na disciplina de pintura no IA em 2018



Foto de autoria própria.

Figura 15 – Minha primeira pintura no curso de artes visuais, em 2017, na disciplina introdutória de pintura com a professora Adriane Hernandez

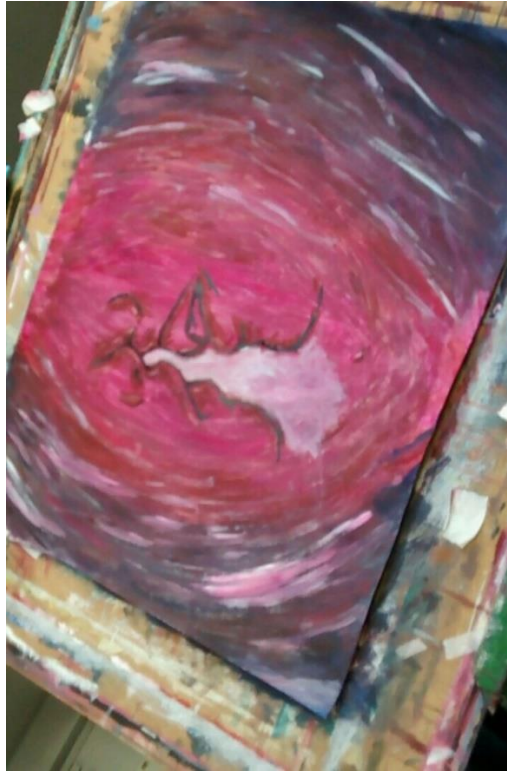


Foto de autoria própria.

Figura 16 – Produções mais recentes, feitas na pandemia, em 2021



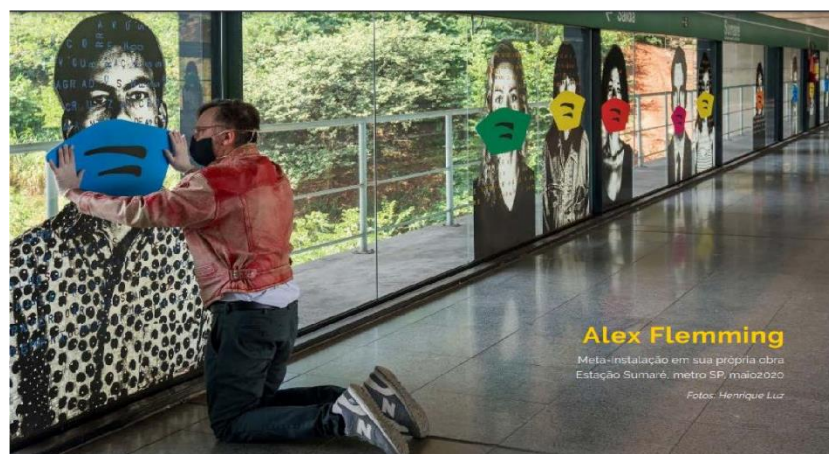
Foto de autoria própria.

Por outro lado, como o artista Jean-Michel Basquiat disse: “*arte é como decoramos o espaço, música é como decoramos o tempo*”. Apesar de todas as ausências que a produção de arte pré-pandêmica nos trazem, é esse hábito de tentar levantar para criar mesmo que dentro de casa que ocupam nossos dias quando todos eles parecem ser o mesmo.

Algo decorrido no campo da arte no período de isolamento social foram as experimentações e colaborações artísticas que visam direcionar o olhar artístico para elementos do nosso presente social (distanciado). Um projeto que nasceu em decorrência da pandemia foi o Catálogo “Arte na espreita e na espera... Poéticas na Quarentena!”, desenvolvido pelo artista Bené Fonteles, juntando diversos artistas e suas obras fotográficas, textuais, pinturas e outras experimentações. O catálogo já teve mais de cinco edições até o momento contando com a participação de dezenas de artistas expondo suas produções de quarentena, com certeza um importante registro histórico-artístico das produções do momento atual. Muitas das obras fazem ainda um recorte importantíssimo, pensando num contexto não apenas de vírus, mas de crise política no Brasil, na comunidade Latino-americana, nos moradores de rua, na favela e em todos aqueles que são ainda mais afetados pelos desafios de 2020.

Em uma das obras da segunda edição do catálogo, o artista Alex Flemming retorna a uma de suas obras, de 1998 no metrô de São Paulo, e faz uma intervenção, colocando “máscaras” sobre os rostos, tentando também conscientizar a população pela tomada de medidas de proteção da saúde pública.

Figura 17 – Trabalho do artista Alex Flemming



FLEMMING, Alex. [Estação Sumaré]. 1998. Impressão sobre vidro.

Durante a escrita deste trabalho tive o privilégio de entrevistar o artista e curador do catálogo, Bené Fonteles<sup>9</sup>, sobre suas experiências e reflexões acerca desta confusão mental que vivemos atualmente. Na entrevista o artista contou um pouco sobre seu percurso e como foi parar onde se encontra hoje, vivendo com um coletivo de artistas no campo, fazendo contato com a arte e a natureza por todo o período pandêmico. Ele relata que a produção do catálogo serviu até mesmo de estímulo para a criação e compartilhamento de trabalhos entre os artistas, muitos dos quais estavam lidando com muitas dificuldades neste período de isolamento. Para mim foi especialmente esclarecedor ouvir este relato e poder me identificar com os artistas que também se viram um pouco desorientados com tudo que vivemos por conta do distanciamento.

Este momento em que a gente não podia estar nas exposições, mas podia estar nas mídias, todos os artistas mandavam e compartilhavam os catálogos e as obras, a intenção era de tirar os artistas de, não só de um ostracismo, mas de uma passividade. As pessoas ficaram paralisadas diante de uma pandemia, o que a gente vai fazer se a gente não pode estar nas exposições e nos editais (e diante do governo que está aí)? Mas a gente podia reagir à estrutura. O fazer para mim é libertador. (FONTELES, 2022).

Segundo o artista, ele estaria louco e em um hospício se não fizesse arte. Ele aponta ainda que a arte sempre esteve e sempre estará presente em todas as civilizações e períodos no tempo, assim como esteve presente na forma de pinturas rupestres e grafites nos metrô de Nova York. Estes arquétipos e signos, para Bené, se intercomunicam, sejam eles quais grafismos forem, já que todos eram um reflexo de um ser humano buscando manter sua sanidade mental através destas expressões.

Dando ênfase então no cenário em que nos encontramos no momento da entrevista, isto é, em meio à pandemia, Bené diz que estaria triste, louco e deprimido se não estivesse criando mesmo em seu isolamento. *“A gente vem com muita carga de energia criativa, de poder transmutador, se a gente não transmuta essa energia, dá no que dá.”* (FONTELES, 2022, *no prelo*).

Fonteles também traz como elemento importante em sua bagagem como artista e agente da cultura suas experiências com curadoria em projetos coletivos. Para ele, quase que de forma involuntária, como algo processual da natureza, as

---

<sup>9</sup> A entrevista foi realizada por videochamada e será publicada em breve na Revista CLIMACOM, Texto no prelo, editada em co-autoria com Lillian Maus.

obras de diferentes artistas em experiências coletivas costumam dialogar umas com as outras de forma transcendental e interdisciplinar.

Eu sou um eterno paciente da humanidade, se não estivesse fazendo e estas coisas e também provocando outros processos criativos com os artistas, nisso eu entro na história da cura de outros além de mim. Eu entro em contato com o trabalho destes artistas e vejo a loucura deles e a loucura deles me cura, me dá permissão de continuar meu trabalho. (FONTELES, 2022).

A oportunidade de conversar com Fonteles chegou para nós de forma especial, nas vésperas do carnaval, com a possibilidade de dialogar sobre campos que permeiam o trabalho e a trajetória do artista, como a espiritualidade e o poder de cura. Com total concordância da minha parte ele afirma, sem a menor dúvida ou desconfiança, que a arte possui a potência curatorial para o ser humano, que é um modo de se curar para além da terapia. Outra pauta muito presente quando tratamos da filosofia por trás da arte e do artista foi abordada por Bené: para ele, a arte nada mais é do que o seu propósito de vida na Terra, que veio a ele antes que ele viesse até aqui, e isso é o que dá sentido à sua vida.

Quando nos encaminhamos para o final da entrevista com o artista ele trouxe um pouco do que mais o marcou após esses anos que passaram. Além de nos contar que tudo que passamos no Brasil durante o período da pandemia o inspirou a escrever letras de músicas como forma de exteriorização de sentimentos, ele não conseguiu deixar de ser tocado pelo aspecto sócio-político do que vivemos. No fim das contas, a necessidade de encontrar um propósito, um prazer em meio ao caos, parece ter sido uma constante para todos e todas artistas durante momentos difíceis ao longo da vida, e no isolamento não poderia ter sido diferente.

A pandemia existe para que a gente pare a insanidade ambiental e insanidade política que vivemos, ela foi causada também pelo impacto ambiental. Precisamos mudar de hábitos, ela vem corrigir nossa história. Não tem como não refletir sobre isso, eu estava vendo as coisas, as dores das pessoas, as pessoas morrendo, as pessoas se contaminando, você não pode ficar alheio a isso tudo. Se você não tiver ativo, não fizer algo que faça as pessoas quererem viver. (FONTELES, 2022 – *no prelo*).

Figura 18 – Bené durante a entrevista concedida para pesquisa



Foto: autoria própria

O professor de psicologia e artes Edson Luiz André de Sousa descreve em seu texto “Por uma cultura da utopia” o conceito de utopia como o convite à imaginação em meio a um contexto pantanoso e aparentemente definitivo. A partir da crítica social e do desconforto é que a sociedade passará a imaginar lugares e imagens possíveis, lutando e caminhando em direção contrária à realidade através do ideal “utópico”. Logo, “todo ato criativo traz em si uma utopia.”

Se torna cada vez mais necessária uma utopia que cumpra a função de despertar e que possa combater as múltiplas faces da violência a qual estamos confrontados: a violência do dogmatismo, a violência da hegemonia das formas do senso comum que impedem o aparecimento do novo, anestesiando as singularidades, a violência das discussões políticas vazias de atitudes. (SOUSA., 2011 p. 6).

Poderia a cultura incorporar o papel despertador do conformismo em meio às violências presentes no nosso país e no mundo recente? Pode a arte servir de

instrumento de desconforto, de forma que inviabilize a passividade para cenários de injustiça e falta de senso crítico?

Além de projetos artísticos coletivos que aconteceram durante a quarentena, muitos artistas expressaram e divulgaram de forma autônoma, especialmente via redes sociais, trabalhos com um foco nos sentimentos e reflexões trazidos por esse momento no tempo. Nas artes visuais, linguagens como a ilustração, os quadrinhos e os memes foram muito explorados nesse sentido. O ilustrador Jon Michael Frank é um exemplo que, durante o ano de 2020, fez várias ilustrações e quadrinhos com a temática da pandemia. Em um desses trabalhos, no final de março, ele escreveu nas suas redes sociais como legenda para a ilustração abaixo: “O tempo na quarentena. Como o estado do mundo, estou deprimido. “

Figura 19 – Trabalho de Jon Michael Frank



FRANK, Jon Michael. [“Que dia é hoje?” “Não importa, eles são todos iguais.”]. 2020.

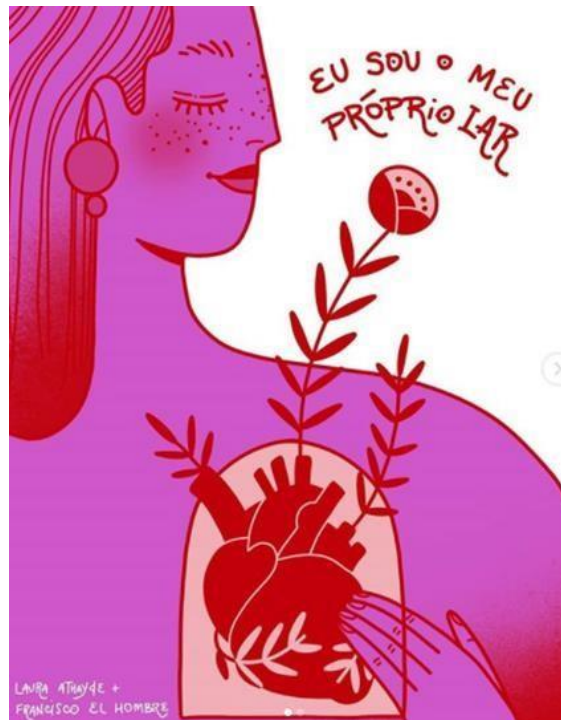
Outra artista que produziu diversos trabalhos com ilustração em relação a pandemia foi a brasileira Laura Athayde, que explora principalmente o desenho digital e os quadrinhos. Em suas produções nesses meses de isolamento ela explorou temas como o trabalho remoto, a nossa relação com o que conhecemos como casa e a importância do artista hoje em dia. Na divulgação de um de seus trabalhos no Instagram ela acrescentou:

“Ultimamente, tenho pensado muito nesse trechinho da música do Francisco El Hombre . Em tempos de isolamento social, me faz bem lembrar que a minha casa não são essas quatro paredes que me cercam, e sim o meu próprio corpo, a minha cabeça. E ela tem que estar em ordem, arejada e



limpa, senão eu vou ter problemas onde quer que eu esteja.” (ATHAYDE, 2020)

Figura 20 – Trabalho de Laura Athayde



ATHAYDE, Laura.[Sem título]. 2020. Desenho digital.

Ainda na temática de artistas que exploraram a temática do cenário atual podemos citar trabalhos de pintores e ilustradores como Darren Butcher, Cecília Ramos e Monge Han. Butcher realiza trabalhos a partir de uma dinâmica ainda peculiar e muito intrigante: através das redes sociais ele recebe dezenas de selfies de pessoas ao redor do mundo e, aos poucos, incorpora o retrato de totais desconhecidos em uma só pintura, nos remetendo obras como “Operários” de Tarsila do Amaral. Uma destas obras do artista, em especial, incluiu a temática de agradecimento e homenagem aos profissionais da linha de frente da saúde durante a pandemia. O pintor descreveu a obra também como uma tentativa de trazer alegria aos profissionais representados na pintura em tempos tão difíceis.

Figura 21 – Trabalho de Darren Butcher



BUTCHER, Darren.[Sem título]. 2020. Pintura a óleo, 80 x 100cm.

A linguagem dos quadrinhos e os compartilhamentos nas redes sociais foram recursos bastante utilizados na exploração das reações emocionais e angústias vividas nesse tempo. O uso da linguagem verbal e não verbal em união é a forma que Ramos, Han e outros ilustradores encontram de expressar aquilo que se sente em meio ao contexto atual. Podemos ainda observar uma espécie de “performance” que acontece por meio do contato do público com obras como essas, muitas vezes causando o sentimento de validação e compreensão, uma vez que percebemos que muito do que estamos sentindo está presente no coletivo. É um “abraço” virtual dado por desconhecidos na internet, que apesar de quilômetros de distância, possuem as mesmas aflições e ansiedades que nós.

Figura 22 – Trabalho de Cecília Ramos



RAMOS, Cecília.[Sem título]. 2021. Desenho digital

Figura 23 – Trabalho de Monge Han



HAN, Monge.[Q u a r e n t e n a]. 2021. Desenho digital

Outros artistas como Lara Fuke realizaram mais de um trabalho explorando a temática, incluindo o uso de diferentes mídias como vídeo e colagens. Já o fotojornalista Victor Moriyama utilizou a fotografia para registrar o momento de isolamento social na cidade de São Paulo, mais especificamente no edifício Copan.

Figura 24 – Trabalho de Lara Fuke



Lara Fuke, 2020.

Figura 25 – Fotografia de Victor Moriyama



Victor Moriyama. 2020. Fotografia digital.

Outro projeto que surgiu no começo do isolamento social foi a criação do Instagram Covid Art Museum, que surge como o primeiro museu virtual nascido na pandemia com o objetivo de compartilhar obras de fotografia, poesia, dança e arte em geral ao redor do mundo. Bruna Donato Reche traz em seu texto “A arte digital em tempos de pandemia” a teoria de Theodor Adorno na relação entre as obras expostas no Covid Art Museum, assim como outros trabalhos criados nesta realidade material, com a situação global conflituosa e violenta que vivemos em meio ao coronavírus. A partir desta teoria é discutida a codependência entre o objeto de produção cultural e a sociedade que o produz. A obra de arte, da mesma forma que não deve ser vista como elemento isolado do contexto social do qual ela surge, também não pode ser restritamente resumida a ele.

Se tanto a obra de arte quanto o indivíduo são insulares nesse contexto, o artista, que está intimamente ligado a ambos, é a expressão máxima desse abandono, pois trabalha com o que Adorno chamou de dialética da solidão. Ainda assim, apesar do isolamento, a realidade social sempre se apresentará em sua obra, quer ele tenha ou não a intenção de tematizá-la, de modo mais ou menos consciente, ainda que procure evitá-lo. (FIANCO, 2020, p. 3)

A arte será social em decorrência, portanto, dos direcionamentos possíveis gerados nessa sociedade, incluindo a possibilidade de que a arte se oponha radicalmente com o contexto social atual. Especialmente em um cenário de uma sociedade massificada para o consumo, a antítese da arte com o sistema socioeconômico capitalista a torna um ser para-si, enquanto a lógica das mercadorias restantes as torna seres para o outro. “*Somente quando a arte reflete o tolhimento social do contexto que lhe gera, por meio da violência, do bruto, do feio e do abstrato, como exemplos citados por Adorno (2018), ela torna-se um ser-em-si.*” (RECHE, 2020, p.8).

Além do sentimento de violência e choque, outro elemento percebido em diversos artistas ao tentar lidar com a realidade atual é uma certa ironia e um humor ácido. As criações produzidas nos últimos tempos, quando não representam diretamente o tom sombrio e melancólico da pandemia, utilizam do que poderia ser considerado uma forma de mecanismo de defesa, que através de um cinismo e uma entonação irônica absorvem as dificuldades recentes. Essa mensagem pode ser percebida em algumas das obras citadas aqui, como a do artista Cadu, que ilustra o terrorismo das “ondas” do vírus de uma forma literal e sarcástica, enquanto

esperamos o oceano nos alcançar ao lado dos túmulos daqueles que já foram pegos pelas ondas anteriores.

Através das representações dessa realidade obscura é que a arte, assim como a filosofia, para Adorno, dá conta do feio. É representando os horrores do passado - e presente - que a cultura, a arte, as humanidades lutam para que eles não sejam esquecidos e não se repitam. De alguma forma, portanto, o obscuro, o horror, o caótico e o negativo são processados e transfigurados em algo positivo, especialmente na arte moderna e contemporânea. *“Em contrapartida a arte autêntica se esforça para não apaziguar a experiência estética, deixando entrever a brutalidade da realidade do mundo contemporâneo, bem como os horrores do passado.”* (FIANCO, 2020, p.16)

Figura 26 – Trabalho de Cadu



Cadu.[Segunda Onda]. 2020. Óleo sobre tela, 70x50cm.

Assim como nas artes visuais, na literatura também houveram diferentes projetos explorando diferentes linguagens e pensados para o momento peculiar dos últimos anos. De forma mais literal, o livro fotográfico “London in Lockdown” apresenta fotografias da cidade tomada pelo vírus através de trabalhos de 24 fotógrafos. As fotografias incluem parte da ansiedade, isolamento, tédio e “tranquilidade” de um centro urbano em um período único na história da sociedade contemporânea. De forma similar Moriyama traz a fotografia, dessa vez com a delimitação do edifício

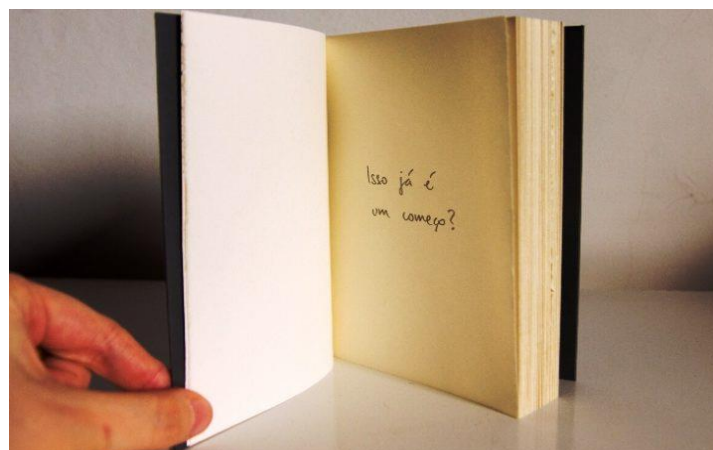
Copan no isolamento urbano. Outra obra literária desenvolvida a partir desse cenário foi o livro “É uma emergência?” de Ana Ina, constituído por um conjunto de perguntas e reflexões poéticas. A proposta da obra inclui páginas fechadas e uma espécie de faca, para ser usada em momentos de emergência para a leitura das auto reflexões. A dinâmica lúdica e de certa forma meditativa do livro foi pensada para leitores em momentos sensíveis como esse.

Figura 27 – Livro London in Lockdown



[London in Lockdown]. 2021.

Figura 28 – Livro É uma Emergência?



INDA, Ana. [É uma emergência?]. 2020.

## 2.2 CATARSE (ou Como Viver durante o Fim do mundo)





Em minha conversa com Bené Fonteles, quando apresentei minha tese ao artista, seu primeiro comentário foi direcionado à escolha do título, *Sobrevivendo durante o fim do mundo*. “Eu não acredito em sobreviver, sobrevivência é um estado indigno do ser humano. Infelizmente nós chegamos agora num estado de sobrevivência, mas acredito em vivência, uma vivência digna, ética.” (Idem). Bené afirma com convicção que para ele, que se denomina um Artivista<sup>10</sup>, só poderemos viver com a essência de ser, com qualidade de vida e com qualidade de ser íntegro uma vez que façamos os outros quererem viver. Nesta filosofia a arte assume o papel não do fim, mas do meio, o papel do instrumento que realiza nosso propósito de vida na Terra. Ao criar, apreciar, compartilhar e discutir arte damos sentido à vida. O artista finaliza sua fala reforçando a potência do processo criativo no embate com as adversidades da vida. “*Quanto mais você sonha, quanto mais você faz o seu trabalho, você está adiando este fim do mundo. Quando você está sonhando, o sonho evita que o céu caia sobre nossas cabeças.*” (Ibidem)

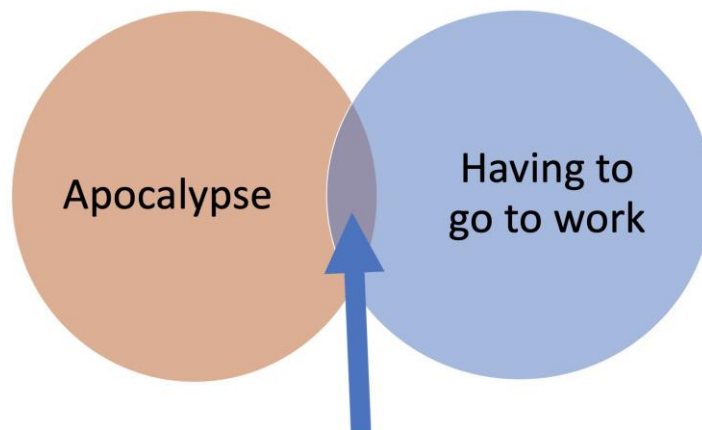
Antes mesmo dos acontecimentos de 2020, Byung-Chul Han aborda em “Sociedade do Cansaço” a depressão como uma expressão patológica de fatores como a carência de vínculos, que caracteriza a fragmentação dos seres sociais que são os seres humanos. Ainda para além da depressão exacerbada durante este período de isolamento, percebemos também um esgotamento mental de trabalho e de atenção. Para Han (2010, p. 27) “*a Síndrome de Burnout não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida*”. Segundo ele, um fenômeno presente na nossa contemporaneidade é o excesso de informação e estímulos que modificam constantemente nossas habilidades de atenção. Embora a multitarefa seja disseminada como um elemento positivo no contexto de produtividade capitalista, Han compara essa divisão de atenção com hábitos de animais selvagens, um retrocesso. Essa comparação parece fazer ainda mais sentido no âmbito das especificidades pandêmicas dos últimos tempos, sendo essa multi-atenção necessária para a sobrevivência na vida selvagem. Nesta mesma lógica, uma imagem que circulou na internet nos últimos tempos foi de um diagrama de Venn com dois círculos: “Apocalipse” e “Precisar trabalhar”, com uma intersecção no meio, que é onde nos encontramos atualmente.

---

<sup>10</sup> *Artivista*: Artista que une a prática artística com o ativismo.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/artivismo/21817/>.

Figura 30 – Diagrama de Venn sobre o “apocalipse”



Fonte: [https://twitter.com/\\_tomcashman](https://twitter.com/_tomcashman)

A vida selvagem do ser humano assim, ao contrário do animal, não se trata da vigia de um predador enquanto nos alimentamos, mas de uma necessidade de produtividade e desempenho constantes, até mesmo durante o fim do mundo. Han diz que o hábito multitarefa impossibilita o mergulho profundo e contemplativo nas atividades, enquanto a cultura conta com a possibilidade de atenção profunda, uma vez que o tédio profundo é importante para o processo criativo.

Walter Benjamin chama a esse tédio profundo de um “pássaro onírico, que choca o ovo da experiência”. Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto do descanso espiritual. Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente. Benjamin lamenta que esse ninho de descanso e de repouso do pássaro onírico está desaparecendo cada vez mais na modernidade. (HAN, 2010, p. 33-34).

Pensando ainda na condição de produtividade na modernidade, a cultura oferece muitas vezes, especialmente para aqueles não-artistas ou que não consideram o fazer artístico no âmbito profissional, um grande respiro. A arte pode advir como realização pessoal enquanto o trabalho, o dinheiro e até mesmo a saúde não alcançam essa expectativa. Esse vazio, deixado pela desrealização e fundamental para a manutenção de um sistema capitalista e opressor, é explicado por Han .

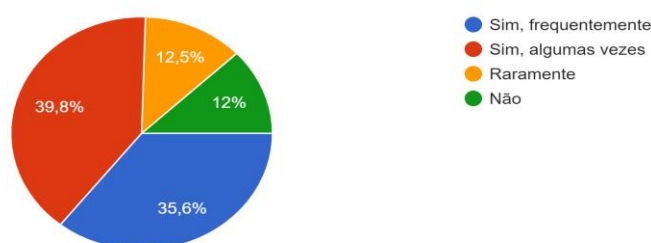
Segundo Marx, o trabalho é uma contínua desrealização. Hoje, vivemos numa época pós-marxista. No regime neoliberal a exploração tem lugar não mais como alienação e desrealização. Aqui não entra o outro como explorador, que me obriga a trabalhar e me explora. Ao contrário, eu próprio exploro a mim mesmo de boa vontade na fé de que possa me realizar. E eu me realizo na direção da morte. Nesse contexto não é possível haver nenhuma resistência, levante ou revolução. (HAN, 2010, p. 116).

O filósofo aponta também, em relação a isto, a denominação do “Dia Sagrado” para algumas religiões. O dia sagrado é o dia do “não-para”, o dia do uso do inútil, o dia do cansaço, e por isto ele é sagrado. Com isso em mente, o que é a arte naif, se não a mais pura e sagrada forma de realização de artistas e “não-artistas”? Austin Kleon escreve no livro “Roube como um artista” sobre a importância da procrastinação produtiva, dos projetos secundários e simultâneos. Desta forma, no momento em que enjoamos de um projeto, podemos partir para o outro, e assim por diante. Kleon reitera: “quando fico ocupado, fico burro”. É em instantes de tédio profundo que sua criatividade floresce, enquanto lava a louça, caminha na rua ou passa suas camisas.

A partir das respostas encontradas no formulário divulgado nas redes sociais foi levantado que 87,9% <sup>11</sup>dos participantes praticou alguma forma de expressão artística enquanto estava em isolamento, sendo algumas delas expressões novas descobertas durante este período. Algumas das linguagens artísticas citadas foram a pintura, a cerâmica, a dança, a música, a fotografia, o bordado, o crochê, o tricô, a escrita e o desenho.

Figura 31 – Práticas artísticas dos participantes da pesquisa

Você PRATICOU alguma forma de expressão artística durante a pandemia/ quarentena?  
216 respostas



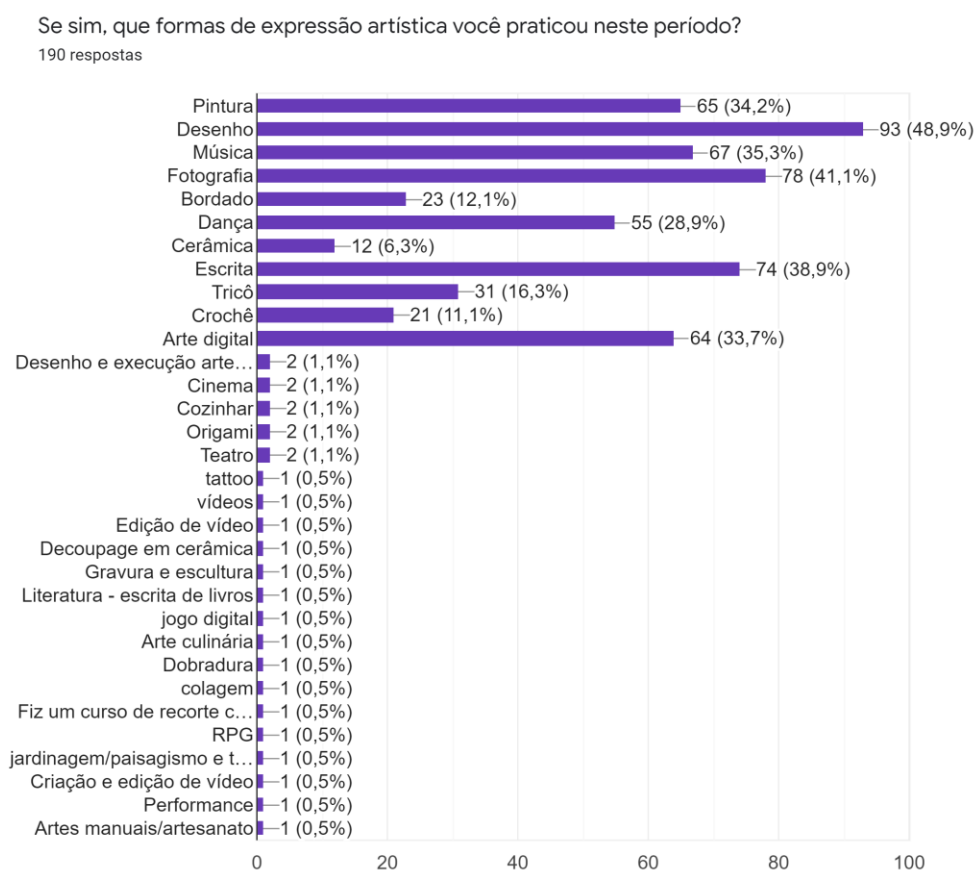
12

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>11</sup> 12,5% que responderam que praticaram raramente somados aos 39,8% que praticaram algumas vezes e os 35,6% que praticaram frequentemente.

<sup>12</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

Figura 32 - Formas de expressão artística praticadas pelos participantes.



13

Fonte: Elaborado pela autora.

A maior parte dos sujeitos afirmou que estas práticas artísticas possuem um papel de hobby pessoal, enquanto 156 diz que, pelo menos parte destas práticas, também fazem parte da sua profissão. Além disso, é percebida a procura pela arte como mecanismo para uma vida mais saudável, física e mentalmente, já que 91 dos participantes descrevem estas práticas como forma de arte terapia e 59 como forma de praticar exercícios, como, por exemplo, a dança. Outras respostas coletadas dos participantes de forma dissertativa descreveram a prática artística como fator essencial para sua vida, *“Me ajuda a dissociar do fato que estamos vivendo uma*

<sup>13</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

*pandemia com um governo genocida” e “Uma forma de autoconhecimento e de conexão com o meu mundo interior”.*

Quadro 1 - Intuito das práticas artísticas na vida dos participantes.<sup>14</sup>

	Porcentagem dos participantes
Hobby	78,4%
É uma forma de arte terapia	45,7%
Faz parte da minha profissão	37,7%
Me ajuda a praticar exercícios/ faz bem para a saúde	29,6%
É uma forma de interagir com pessoas ao meu redor	26,1%
Atualmente é um hobby mas gostaria de tornar minha profissão	15,6%

Além das práticas já familiares aos sujeitos, 82 também afirmaram ter adquirido novos hábitos artísticos enquanto isolados, sendo os mais citados por eles o tricô, o crochê, o bordado, a aquarela, o desenho e a escrita. Outros hábitos interessantes relatados por eles como forma de relaxamento e estímulo da criatividade foram a jardinagem, a culinária, o patchwork, a habilidade de DJ, o RPG, a produção de velas, tapetes e o muralismo. Além disso, como representado na **Figura 34**, 83,9% deles perceberam a diminuição das dificuldades do período de isolamento a partir da prática artística.

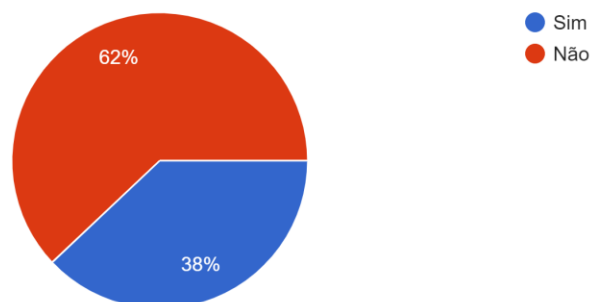
---

<sup>14</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

Figura 33 – Práticas novas adquiridas pelos participantes da pesquisa

Durante a pandemia, você começou alguma prática artística nova, que não fazia parte do seu cotidiano anteriormente?

216 respostas



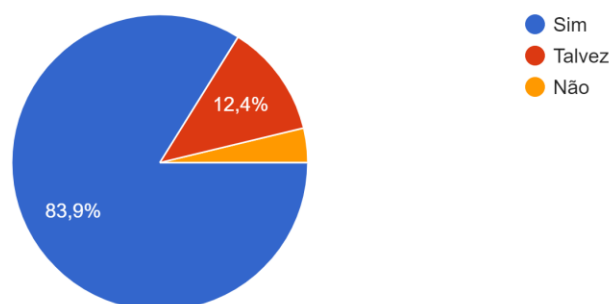
Fonte: Elaborado pela autora.

15

Figura 34 – Efeito das práticas artísticas para os participantes da pesquisa

Você acredita que estas práticas artísticas amenizaram as dificuldades do período em isolamento para você?

186 respostas



Fonte: Elaborado pela autora.

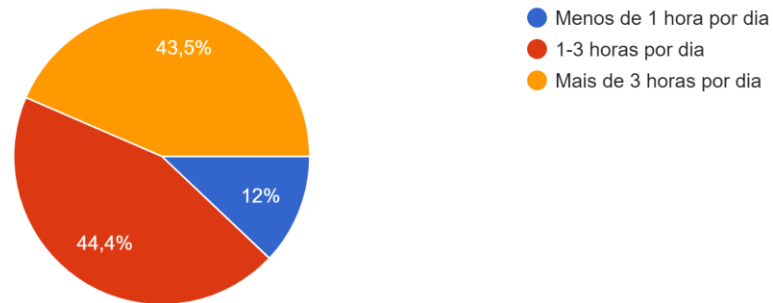
Em relação ao tempo dedicado por dia às práticas e/ou apreciações artísticas, os participantes em maioria tendem a ocupar entre 1 e 3 horas diariamente. A grande maioria também percebeu um impacto positivo na sua saúde mental neste período pelo consumo ou prática das artes.

<sup>15</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

Figura 35 – Tempo dedicado ao consumo e prática artística dos participantes

Quanto tempo por dia você costuma passar CONSUMINDO e/ou PRODUZINDO alguma forma de arte?

216 respostas

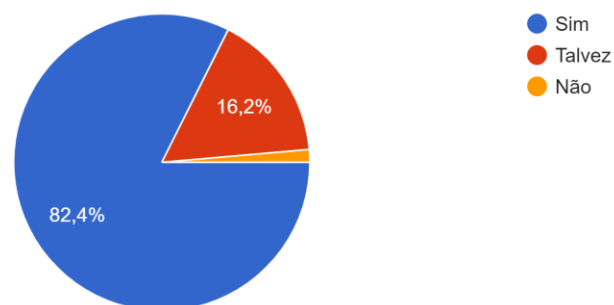


Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 36 – Impacto da arte na saúde mental dos participantes da pesquisa<sup>16</sup>

Você sentiu que a apreciação/prática artística durante a pandemia impactou sua saúde mental positivamente?

216 respostas



Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>16</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>



## Considerações Finais

Inúmeras vezes desde que escolhi o tema do meu TCC topei com o seguinte questionamento: “Por que este assunto?”. Esta pergunta sempre foi muito fácil de responder, embora complicada de se compreender dependendo de quem a pergunta. Nunca tive facilidade de falar sobre meu próprio trabalho artístico, menos ainda interesse neste caminho. O que mais me chama na arte não é necessariamente o conjunto de obras prontas e expostas na parede, mas é justamente o prazer do processo, a tentação de criar, o impulso que ocasionalmente é o responsável por nos fazer sair da cama e brilhar os olhos. Assim como cita Bené, a maior potência da arte não está no fim, mas no meio, na beleza do caminho processual do criar. Este caráter único da arte, de potencializar nossos dias e dar um propósito ao tempo é o que, na minha visão, precisa ser cada vez mais explorado, estudado e explanado para o mundo. Acho ainda que o isolamento tenha esclarecido de forma sádica e intensa a importância da arte para a vida humana, até mesmo para aqueles que ainda tentam negligenciar a cultura no nosso país e no mundo.

Depois de iniciar este trabalho de conclusão durante um período mais sombrio, durante alguns dos meses mais tenebrosos da pandemia no Brasil, é com muito prazer que entrego esta pesquisa em um futuro (ao menos um pouco) mais promissor. Embora muito ainda não se saiba sobre o real fim da pandemia, podemos ter a certeza de que quando o último caso do vírus sumir, e ele há de sumir, não seremos os mesmos. Hoje eu diria que escrever este trabalho não deixou de ser uma forma de terapia para mim, uma forma de externar muitas das sensações geradas nos últimos tempos e que nem sempre possuem espaços para serem compartilhadas. Ainda há muito a se atentar e a pesquisar em relação às consequências de tudo que vivemos nos últimos anos, mas espero que ao menos uma parcela delas tenha sido contemplada aqui e também que outros artistas e amantes de arte possam ter se identificado com alguns destes elementos.

“Nos tempos sombrios/ Haverá cantoria? / Sim, haverá cantoria. / Sobre os tempos sombrios.” (Brecht, Bertold)

E se cheguei até aqui exaltando a importância da arte em nossas vidas, não há maneira mais adequada de finalizar minha fala se não através desta linguagem. Fecho este trabalho, portanto, com a novela gráfica a seguir, desenvolvida como parte da minha pesquisa. Propus também uma exposição dos originais das ilustrações do Zine/Novela Gráfica e de pôsteres em grande formato na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo em evento presencial, como trabalho parcial para conclusão do TCC. Com isso quero também lançar o diálogo entre o Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais, quebrar barreiras e isolamentos de diálogo nesse fluxo criativo. Afinal, Arte é também Educação e Educação é Criação.

Nesta etapa pude me aprofundar não só nos temas pesquisados, mas também trabalhar minhas habilidades de autoconhecimento e elaborar ao longo do processo o que passei nos últimos tempos. A escolha do meu curso de graduação, feita na infância e reafirmada na minha adolescência, faz hoje mais sentido do que nunca. Não poderia ter seguido outro caminho senão o da arte e, para o futuro que me espera, só tenho a certeza de que os próximos passos devem ser sempre carregados da expressão e da criação. Como caminhos futuros à pesquisa desejo, sem sombra de dúvidas, seguir meu percurso acadêmico e continuar trabalhando em favor das artes e dos processos criativos. Também penso em dar sequência a esta pesquisa no futuro com a perspectiva dos efeitos da pandemia a longo termo no campo da arte.

## REFERÊNCIAS

Arte na espreita e na espera... Poéticas na Quarentena! 1. Ed. 2020. Disponível em: <<https://museupalacetedasartes.files.wordpress.com/2020/06/catc3a1logoquarentena-03.06.2020.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2020.

Arte na espreita e na espera... Poéticas na Quarentena! 2. Ed. 2020. Disponível em: <<https://virgulaimagem.redezero.org/wp-content/uploads/2020/07/poeticas-na-quarentena-volume2.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2020.

ATHAYDE, Laura. Belo Horizonte. Instagram: ltdathayde. 7 abril 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-sT-erHZ83/>> Acesso em: 17 nov. 2020.

BARBOSA, A. M., PETERSON DE LIMA, S. & AMARAL, V. Reflexões VI, VII e VIII: reflexões da Educação e das Artes na Era da COVID-19. *Communiars. Revista de Imagen, Artes y Educacion Crítica y Social*, nº4, pg. 21-24, 2020.

CASHMAN, Tom, Twitter: Somehow we ended up here. Outubro de 2021. Disponível em: < <https://twitter.com/tomcashman/status/1433289228830449668> > Acesso em: nov. 2021.

DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. 1967.

FAVERSANI, Fabio. Panem et Circenses: breve análise de uma perspectiva de incompreensão da pobreza no mundo romano, *Varia Historia*, nº 22, pg.81-87, 2000. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5747/1/ARTIGO\\_PanemCircensesBreve.pdf](http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5747/1/ARTIGO_PanemCircensesBreve.pdf) > Acesso em: nov. 2021.

FONTELES, Bené. [Entrevista concedida a] Luísa Sirangelo e Lilian Maus, 2022.

FIANCO, Francisco. *Arte e Sociedade em Teoria Estética de Theodor Adorno*, 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/17844/12807>> Acesso em: out. 2021.

FRANK, Jon Michael. Instagram: jonmichaelfrank. 28 março 2020. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/B-SLzCLp7A\\_/](https://www.instagram.com/p/B-SLzCLp7A_/)> Acesso em: 17 nov. 2020.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. 1. Ed. Editora Vozes, 2010.

HAN, Monge. Instagram: mongehan. 5 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CUpedDBLU8N/>> Acesso em: out. 2021.

INDA, Ana. É uma emergência? 1. Ed. Porto Alegre: Editora Azulejo Arte Impressa, 2020. Disponível em: < <https://www.matinaljornalismo.com.br/rogerlerina/notas/ana-inda-lanca-o-livro-e-uma-emergencia/>> Acesso em: out. 2021.

JILKE, Golbach. London in Lockdown. 1. Ed. Londres: Museum of London, 2021. Disponível em: <<https://www.hoxtonminipress.com/products/london-in-lockdown>> Acesso em: out. 2021.

KLEON, Austin. Roube como um artista. 1. Ed. Editora Rocco, 2012.

LOPONTE, L.G. & LETSIOU, M. Reflexões/ Reflections XIII · XIV da Educação e das Artes na Era da COVID-19/from Education and the Arts in the COVID-19 Era. Communiars. Revista de Imagen, Artes y Educacion Crítica y Social, nº4, pg. 35-37, 2020.

MCLAREN, P., WANG, Y. & JANDRIC, P. Reflections I and II: Reflections from Education and the Arts in the COVID-19 Era. Communiars. Revista de Imagen, Artes y Educacion Crítica y Social, nº4, pg. 10-13, 2020.

RECHE, Bruna Donato, A arte digital em tempos de pandemia: Considerações sobre o covid art museu a luz de Theodor Adorno, 2020. Disponível em: <

[http://anpap.org.br/anais/2020/pdf/Bruna\\_Donato\\_Reche\\_ANPAP\\_2020\\_ArtigoFinal-279.pdf](http://anpap.org.br/anais/2020/pdf/Bruna_Donato_Reche_ANPAP_2020_ArtigoFinal-279.pdf)> Acesso em: out. 2021.

SCHENKEL, Camila. Em quarentena: apontamentos sobre educação em museus em tempos de pandemia. Porto Arte: Revista de Artes Visuais. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v.25; n.º.43, jan-jun 2020.

SOUSA, Edson Luiz André de, Por Uma Cultura da Utopia, E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia, n.º 12, 2011.

Terra. Pesquisa aponta aumento significativo na procura por cursos online durante a pandemia. Terra, 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/pesquisa-aponta-aumento-significativo-na-procura-por-cursos-online-na-pandemia,f94bb17fb8863f51bcb8cafee2ab892cdas2a1ue.html>> Acesso em: out. 2021.

## **APÊNDICE 1 – NOVELA GRÁFICA**

COMO VIVER O IMPACTO  
SOBRE O MUNDO DA ARTE  
DO FIM NA VIDA EM  
MUNDO DO ISOLAMENTO



LUISA GUAZZELLI SIRANGELO

NOVELA GRÁFICA DESENVOLVIDA COMO  
PARTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO  
DE CURSO EM LICENCIATURA EM  
ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE DO  
SUL (UFRGS)

LUÍSA GUAZZELLI SIRANGELO

2022

DOM

SEG

TER

QUA

EM MARÇO DE 2020 NOSSA  
- ATÉ ENTÃO - NORMALIDADE  
FOI INTERROMPIDA PELO  
SURGIMENTO DE UM VÍRUS  
QUE CARREGARIA CONSIGO  
IMPACTOS SEM PRECEDENTES  
AO REDOR DO MUNDO.

18

16

17

21

23

24

25



QUI

SEX

SAB

NOS MESES QUE SEGUIRAM, PRESENCIAMOS O FECHAMENTO DO QUE CONHECEMOS COMO VIDA EM SOCIEDADE, SENDO OS SERES SOCIAIS QUE SOMOS. ALÉM DISSO, O MEDO DA DOENÇA E DA MORTE PASSARAM A ADENTRAR CADA VEZ MAIS NOSSOS LARES.

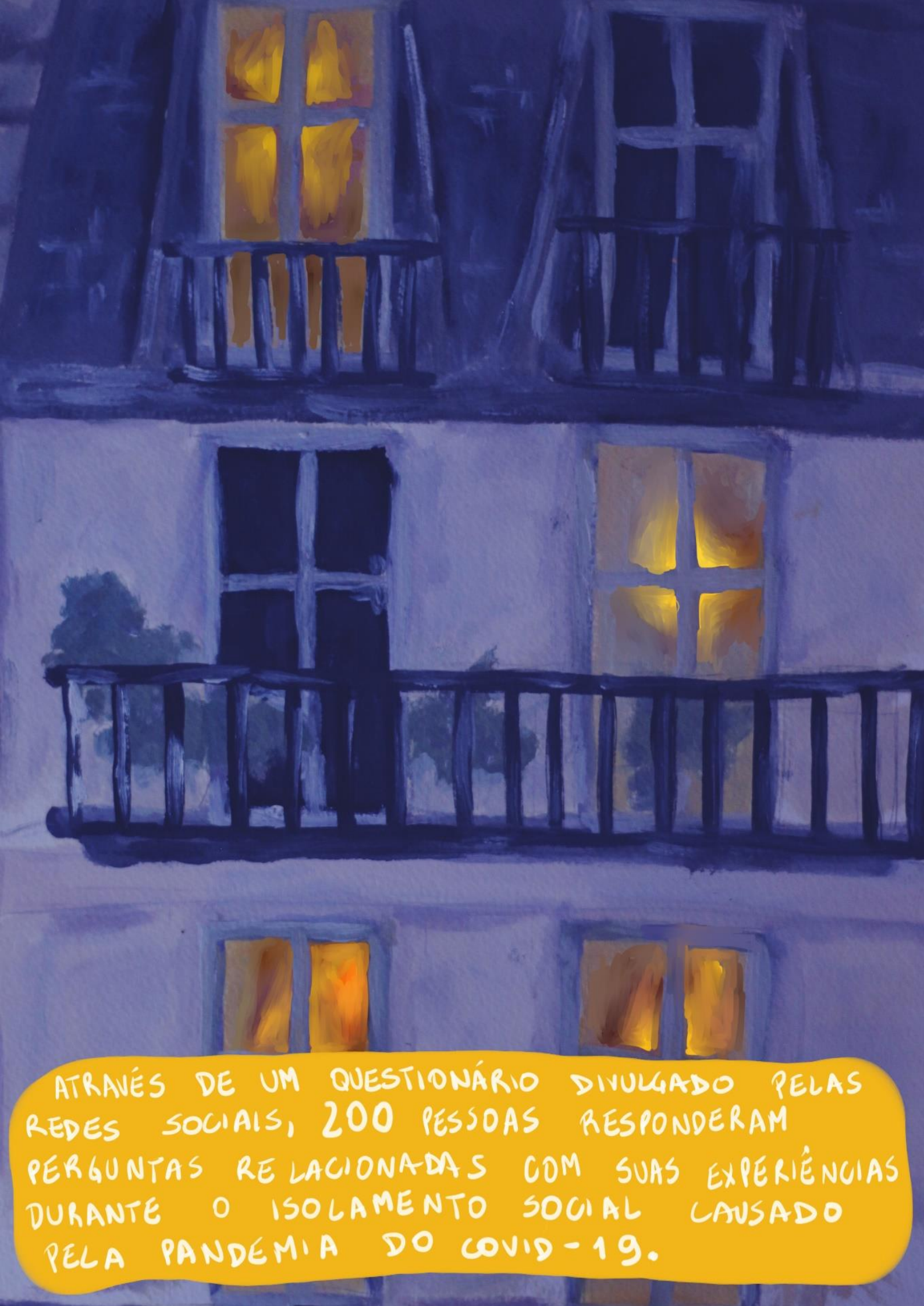
SE O QUE NOS MOVE PELOS DESAFIOS DA  
VIDA É A ESPERANÇA, COMO A MANTEMOS  
QUANDO CERCADOS POR UM HORROR  
QUE FOGE DO NOSSO CONTROLE?






UMA ALTERNATIVA É  
BUSCAR VIVER UM  
DIA DE CADA VEZ,  
TOMAR O CONTROLE  
DAQUILO QUE ESTÁ  
AO NOSSO ALCANCE  
E DIRECIONAR O  
OLHAR PARA OS  
PEQUENOS PRAZERES  
EM MEIO AO CAOS.



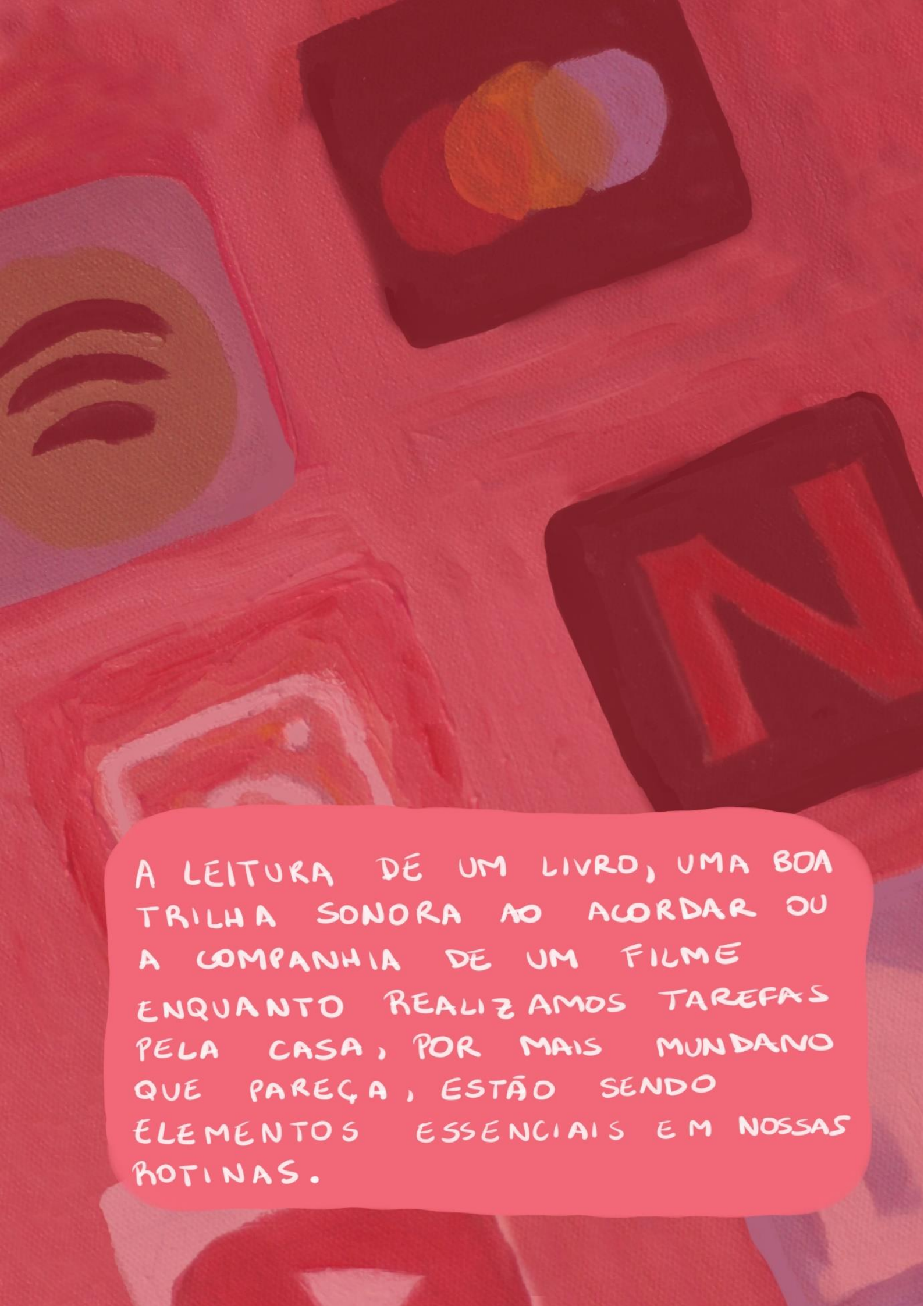


ATRAVÉS DE UM QUESTIONÁRIO DIVULGADO PELAS REDES SOCIAIS, 200 PESSOAS RESPONDERAM PERGUNTAS RELACIONADAS COM SUAS EXPERIÊNCIAS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL CAUSADO PELA PANDEMIA DO COVID-19.



91,6%. DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA RELATARAM QUE AS APRECIAGÕES ARTÍSTICAS DURANTE A PANDEμία AMENIZARAM AS DIFICULDADES CAUSADAS PELO ISOLAMENTO.

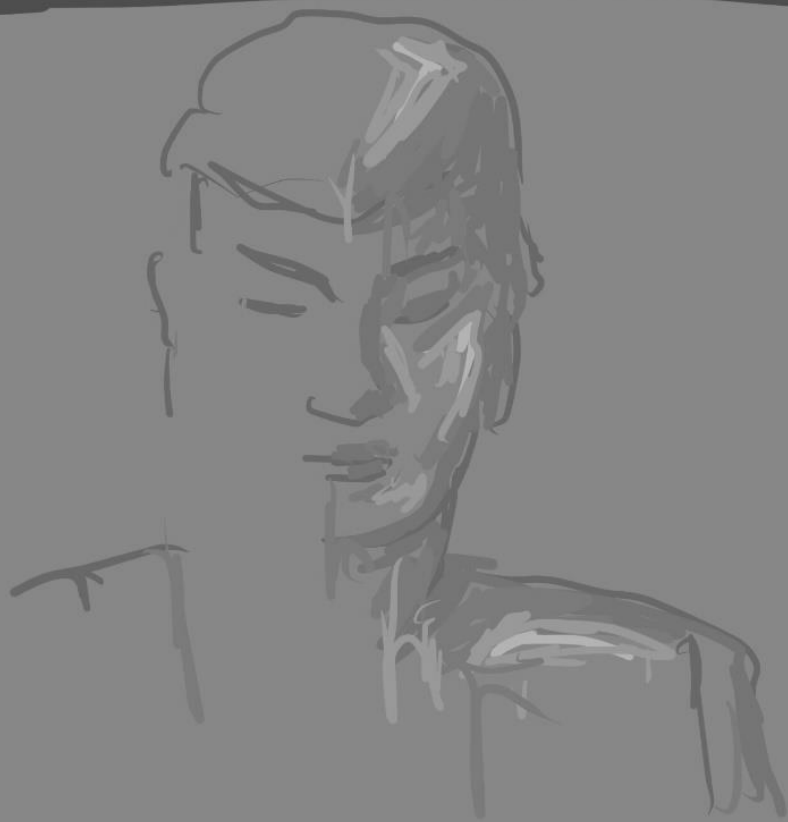
82,4%. ACREDITAM QUE A APRECIAGÃO E A PRÁTICA ARTÍSTICA IMPACTARAM SUA SAÚDE MENTAL POSITIVAMENTE NESTE PERÍODO.

The background is a textured, abstract composition in shades of red, pink, and orange. It features several overlapping shapes: a dark square with three overlapping circles in red, yellow, and white; a light square with three dark curved lines; a dark square with a large red 'N' shape; and a light square with a white and yellow circular pattern. A white, rounded rectangular box is positioned in the lower center, containing text.

A LEITURA DE UM LIVRO, UMA BOA TRILHA SONORA AO ACORDAR OU A COMPANHIA DE UM FILME ENQUANTO REALIZAMOS TAREFAS PELA CASA, POR MAIS MUNDANO QUE PAREÇA, ESTÃO SENDO ELEMENTOS ESSENCIAIS EM NOSSAS ROTINAS.

QUANDO ENCARADOS COM A PERGUNTA  
“COMO VOCÊ ACREDITA QUE A  
EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA TERIA  
SIDO PARA VOCÊ SEM A PRESENÇA  
DAS ARTES?” OS PARTICIPANTES  
DA PESQUISA RESPONDERAM COM  
PALAS PERTURBADORAMENTE HONESTAS.





“ A VIDA SEM ARTE  
É MEIA VIDA, É CINZA. ”



MAIS DEPRIMENTE. MAIS ESTRESSANTE.  
FRUSTRANTE. TRISTE. SEM ESPERANÇA.  
ATÉ MESMO ENLOUQUECEDORA.

A SENSÇÃO CLAUSTROFÓBICA  
CAUSADA POR ESSA QUESTÃO  
HIPOTÉTICA E BOBA  
ESCANCARA O REFÚGIO  
CRIADO PELA ARTE EM UM  
MUNDO CONSTRUÍDO  
PARA NOS ADOECER.

“ O SER HUMANO  
NÃO VIVE SEM  
ARTE ”

FOI UM  
DOS RELATOS



ANTES DE FALARMOS, JÁ  
CANTAMOS. ANTES DE  
ANDAR, JÁ DANÇAMOS.  
ANTES DE ESCREVER,  
PINTAMOS.



88% DOS ENTREVISTADOS AFIRMARAM PRATICAR AO MENOS ALGUMA FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL ENTRE 2020 E 2021.

AS MOTIVAÇÕES PARA AS PRODUÇÕES DOS PARTICIPANTES VARIARAM ENTRE ARTETERAPIA, UMA FORMA DE INTERAGIR COM AS PESSOAS AO SEU REDOR, AUTOCONHECIMENTO, SIMPLES PASSAGEM DE TEMPO E DISSOCIAÇÃO DA REALIDADE.

PARA ALÉM DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA QUE JÁ TRABALHAM ATIVAMENTE COM ARTE, 82 DOS ENTREVISTADOS INICIARAM ALGUMA PRÁTICA ARTÍSTICA NOVA DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL.



BORDADO, AQUARELA, ESCRITA, CROCHÊ, FOTOGRAFIA, POESIA, GRAVURA, CERÂMICA, BALLET, PIANO, MODELAGEM 3D E CANTO ESTÃO ENTRE AS LINGUAGENS ESCOLHIDAS PELOS NOVOS ARTISTAS COMO FORMA DE TOLERÂNCIA E OCUPAÇÃO DE TEMPO PERANTE O ISOLAMENTO.









SE COLOCADOS EM CONFINAMENTO, SEM A  
POSSIBILIDADE DE NOS COMUNICARMOS  
COMO ANTES, SENTIR TUDO QUE SENTÍAMOS  
E VIVÍAMOS ANTES, SERÁ ATRAVÉS DA  
ARTE QUE NOS PERMITIREMOS SENTIR,  
EXPRESSAR, COMUNICAR E VIVER.

# CONTATO



LUISASIRANGELO @GMAIL.COM



@LUSIRANGELO

# BANCA EXAMINADORA

LILIAN MAUS  
ADRIANE HERNANDEZ  
LAURA CASTILHOS

DEPARTAMENTO DE  
ARTES VISUAIS / IA - UFRGS

## APÊNDICE 2 – RELATOS DO FORMULÁRIO

A partir das respostas dissertativas do formulário, foram percebidas sete categorias principais de relatos, são elas: Autorreflexão e autoconhecimento; Instrumento de Catarse; Escapismo; Preenchendo o tempo; Prazer em meio ao caos; Combate à solidão; Esperança.

- **Autorreflexão e Autoconhecimento**<sup>17</sup>

**Você sentiu que a apreciação/prática artística durante a pandemia impactou sua saúde mental positivamente? Se sim, como?**

“Me senti mais conectada com o presente e senti que em tempos de tanto confinamento a arte me possibilitou a abertura para além das paredes de casa, me levando para outros lugares, com outros contextos e com mais liberdade.”

“Dá a sensação de sentido pra vida.”

“Me ajudou a aliviar coisas como ansiedade, que estavam me afetando muito negativamente. Produzir e apreciar arte nesse período me ajudou a me entender melhor e me dar um sentido de propósito em períodos em que estava muito perdida.”

“Ocupando minha mente, exercitando meu intelecto, me proporcionando deleite, leveza, e acima de tudo reflexão.”

“Dá uma sensação de estar conectado com o mundo!”

“Parar de pensar no mundo lá fora, e me conectar comigo”

“Passei por momentos muito difíceis e a arte me salvou de uma depressão. Produzir arte (entendendo design e ilustração como arte) garante meu sustento, e consumir arte me conectava comigo mesma, apesar das mortes e doenças que vivi.”

“Ajudou a processar informações e entender sentimentos.”

**Como você acredita que a experiência da pandemia teria sido para você sem a presença das artes (cinema, música, literatura...)? O que teria sido diferente?**

“Tudo teria sido diferente e a experiência ainda mais perturbadora, porque foi com a arte que encontrei um refúgio para conseguir colocar a cabeça no lugar em momentos de angústia.”

“Muito pior. Além de gerar algumas distrações, as artes me fizeram pensar e sentir, além de me expressar através dela.”

<sup>17</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

- **Instrumento de Catarse**

**Você sentiu que a apreciação/prática artística durante a pandemia impactou sua saúde mental positivamente? Se sim, como?**

“Arte nos deixa mais leve.”

“Me ajuda a expressar minhas frustrações/estresse através de algo saudável, e também a relaxar.”

“Ajudou a aliviar o estresse e durante o período em que estive sem aula me deu motivação.”

“Ajudando a relaxar, a concentrar mais nas minhas tarefas, lidando com a ansiedade e de alguma forma liberando as angústias e frustrações da vida real em forma de arte e trabalhos manuais.”

“Aliviando tensão.”

“A arte nos oxigena quando a vida nos priva de ar.”

“Quando comecei a escrever, me ajudou a lidar com os sentimentos ruins que sentia no momento. Colocar pra fora ajudou a melhorar o clima.”

“Auxiliou na ansiedade, satisfação pessoal, na organização do tempo e do pensamento. Auxiliou para aliviar tensões no relacionamento familiar.”

“Sim, reduzindo a carga emocional negativa, proporcionando interações positivas com amigos e família.”

**Como você acredita que a experiência da pandemia teria sido para você sem a presença das artes (cinema, música, literatura...)? O que teria sido diferente?**

“Acredito que teria sido bem caótica, muita dor e sentimentos ruins que podem ser “anestesiados” e afastados com as artes e entretenimento estariam ainda mais presentes no cotidiano. Além de que muitas obras surgiram em meio a pandemia e por causa da pandemia, também como forma de amenizar a dor e se expressar de acordo com o momento global que vivemos, então seria uma parte das histórias que seria apagada.”

“Com certeza não iria conseguir por pra fora o que sinto de forma efetiva.”

- **Escapismo**<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

**Você sentiu que a apreciação/prática artística durante a pandemia impactou sua saúde mental positivamente? Se sim, como?**

“Fez com que eu pudesse me desligar do que estava acontecendo.”

“Me ajudou a distrair das dificuldades que aconteceram durante a pandemia, fez eu me sentir bem mesmo com as coisas ruins e ajudaram a passar o tempo livre no isolamento.”

“Me ajudou a não focar a maioria do meu tempo disponível em coisas que fossem me deixar triste, ansiosa e com preocupações além do necessário. Além disso, através da dança pude socializar com outras pessoas e aliviar a tensão emocional do isolamento.”

“Consumir qualquer outra coisa que não fossem notícias sobre morte já era um alívio.”

Me permitiu uma fuga da realidade pandêmica.”

“A música me ajuda a "abafar" o som das obras dos vizinhos, fazer bordado e crochê, principalmente no início do isolamento, me fazia/faz conectar com alguma prática manual e me tirar um pouco da frente das telas de celular/computador. Por fim, filmes/peças de teatro online vendo virtualmente com meus amigos garantia um contato mais cotidiano com aqueles que no momento estava afastada por causa da pandemia.”

“Serve como escapatória. Fuga dos problemas e uma imersão direta em outra realidade.”

“Ajudou a não pensar de forma objetiva no quão assustador foram os primeiros meses da pandemia em que não sabíamos quase nada sobre o vírus, também ajudou a amenizar sentimentos em relação ao falecimento da minha avó em agosto do ano passado. Atualmente fazer arte faz parte da minha rotina profissional e me deixa muito satisfeita e feliz poder fazer isso todos os dias.”

“Manter a saúde mental em relação as atrocidades e irresponsabilidades cometidas pela classe política e burguesa que conduz o país e o mundo a uma vala comum.”

“Mesmo antes da pandemia, o cinema e a música sempre foram, nesse contexto, meios pelos quais eu consigo (involuntariamente) me "tele transportar" para uma realidade distante da minha (nossa' em se tratando da pandemia), na qual eu me sinto realmente viva. É como aquele lugar mágico que as pessoas do filme Soul (2020, Pixar) "vão" quando se desconectam daquilo que os cerca. Na Pandemia não tem sido muito diferente, uso esse "recurso" com certa frequência...”

“Me ajudava a me distrair dos pensamentos intrusivos causados por TOC e TAG.”

**Como você acredita que a experiência da pandemia teria sido para você sem a presença das artes (cinema, música, literatura...)? O que teria sido diferente?**

“Com certeza muito mais pesada. a arte pode ser uma forma de escapar da realidade, não digo em um sentido de alienação, mas de focar em algo prazeroso por um tempo, o que pode aliviar a tensão que sentimos por causa do momento atual. eu certamente teria tido dificuldades para controlar a ansiedade.”

“Teria sido muito mais difícil de suportar. A arte veio como uma criação de “espaços-entre”,

de respiro em meio ao caos. Possivelmente teria ficado muito mais ansiosa sem esses escapes.”

“Seria mais difícil, pois consumir música e cinema, que foi o que mais fiz nesse período, é um modo que encontrei de fugir um pouco da realidade triste que estamos vivendo. Com certeza eu teria menos ânimo para fazer qualquer coisa.”

“Teria sido muito difícil. Com tantas notícias ruins, é preciso uma válvula de escape e as artes ajudam muito. Sem elas, possivelmente eu ficaria mais nervosa e ansiosa com a situação.”

- **Preenchendo o tempo**<sup>19</sup>

**Você sentiu que a apreciação/prática artística durante a pandemia impactou sua saúde mental positivamente? Se sim, como?**

“Me manteve ocupada e me dá vontade de viver.”

“Salvando a mente do ócio e tédio.”

“Estando em isolamento, acaba sendo uma das únicas formas de nos distrairmos.”

“Uma fuga da realidade e maneira de fazer o tempo passar.”

“Conseguo me entreter e passar o tempo mais fácil.”

“Preenchendo criativamente meus dias.”

**Como você acredita que a experiência da pandemia teria sido para você sem a presença das artes (cinema, música, literatura...)? O que teria sido diferente?**

” Muito mais angustiante. Não teria como ocupar meus dias e teria muito mais estresse e ansiedade. Provavelmente também não aguentaria tanto tempo sem sair e ver conhecidos.”

” Teria sido muito mais difícil, ocupar a cabeça foi muito importante pra mim durante a pandemia e sem a arte eu não teria muito pra onde recorrer nos momentos de ócio.”

” Provavelmente teria sido bem difícil de lidar emocionalmente estando dentro de casa praticamente o tempo todo sem algo para distração.”

” Acredito que teria muito mais tempo ocioso e tedioso.”

- **Prazer em meio ao caos**

---

<sup>19</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

**Você sentiu que a apreciação/prática artística durante a pandemia impactou sua saúde mental positivamente? Se sim, como?**

" A apreciação/prática artística me deixa menos ansiosa em relação à pandemia e a crise brasileira. Também fico mais motivada, pois estou realizando algo que me dá bem-estar."

" Me ajudou a passar por esse período com mais calma, menos ansiedade e mais prazer pela vida."

" Ver o lado bom, bonito e criativo da vida e do ser humano."

" Pelo prazer de produzir algo com desenho e execução manual. É terapêutico."

" Me tira da dura realidade por alguns momentos, dando prazer estético e me instiga e buscar mais arte."

" Diminuiu a sensação de isolamento, produziu um senso de futuro, fez esquecer as diversas crises que vivemos, e indiretamente, alegrando as minhas crianças."

**Como você acredita que a experiência da pandemia teria sido para você sem a presença das artes (cinema, música, literatura...)? O que teria sido diferente?**

" Teria sido extremamente angustiante pois a única coisa que se pode fazer de lazer que não envolve artes não são coisas que me interessam muito ou que não eram permitidas devido ao convívio social. Seria simplesmente horrível uma vida sem a presença das artes, imagina numa pandemia que exige o isolamento das pessoas..."

" Mais tempo ocioso, sem entretenimento e com menos prazer."

● **Combate à solidão**<sup>20</sup>

**Você sentiu que a apreciação/prática artística durante a pandemia impactou sua saúde mental positivamente? Se sim, como?**

" Aliviaram a solidão do isolamento."

" Não me deixou completamente pessimista, ou imersa demais no mundo ao meu redor que está uma merda, e pelo menos servem de companhia já que ver amigos não pode mais."

" É uma forma de trazer algo positivo diante da pandemia, pois poderia me conectar com algo que traz entretenimento e prazer. Surgir um sentimento de menos solidão."

" A prática artística me ajudou a me sentir menos solitária e a lidar melhor com as muitas

<sup>20</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>

horas que fico sozinha em casa.”

” Pois me senti muito só e em relação aos trabalhos manuais, serviu para trabalho voluntário.”

**Como você acredita que a experiência da pandemia teria sido para você sem a presença das artes (cinema, música, literatura...)? O que teria sido diferente?**

” Seria muito deprimente. Preciso de vida ao meu lado. Como moro só, seria muito difícil passar os dias.”

” Desesperadora. O escapismo que a arte proporciona em seus diversos meios foi muito essencial para mim, que fiquei completamente sozinha por um período extremamente longo.”

- **Esperança**<sup>21</sup>

**Você sentiu que a apreciação/prática artística durante a pandemia impactou sua saúde mental positivamente? Se sim, como?**

” Me distraiu da situação atual, me deu esperança.”

” Alguns trabalhos artísticos me ajudaram a manter uma espécie de "esperança" de que o status quo era momentâneo, que sairíamos desse cenário.”

” Às vezes como escape temporário, às vezes como forma de reforçar a crença de que as coisas vão melhorar.”

**Como você acredita que a experiência da pandemia teria sido para você sem a presença das artes (cinema, música, literatura...)? O que teria sido diferente?**

” Muito triste e desesperançosa

” Menos esperançosa. Eu teria perdido a força de ver a beleza em um mundo que se despedaça dia após dia. A arte me dá a certeza de que essa beleza ainda habita entre nós.”

” Muito, muito mais triste e vazia de esperança.”

---

<sup>21</sup> Dados coletados através do Google Forms até o dia 14/08/2021. Endereço do formulário: <https://forms.gle/UUXts8yGtDGMkUwS8>